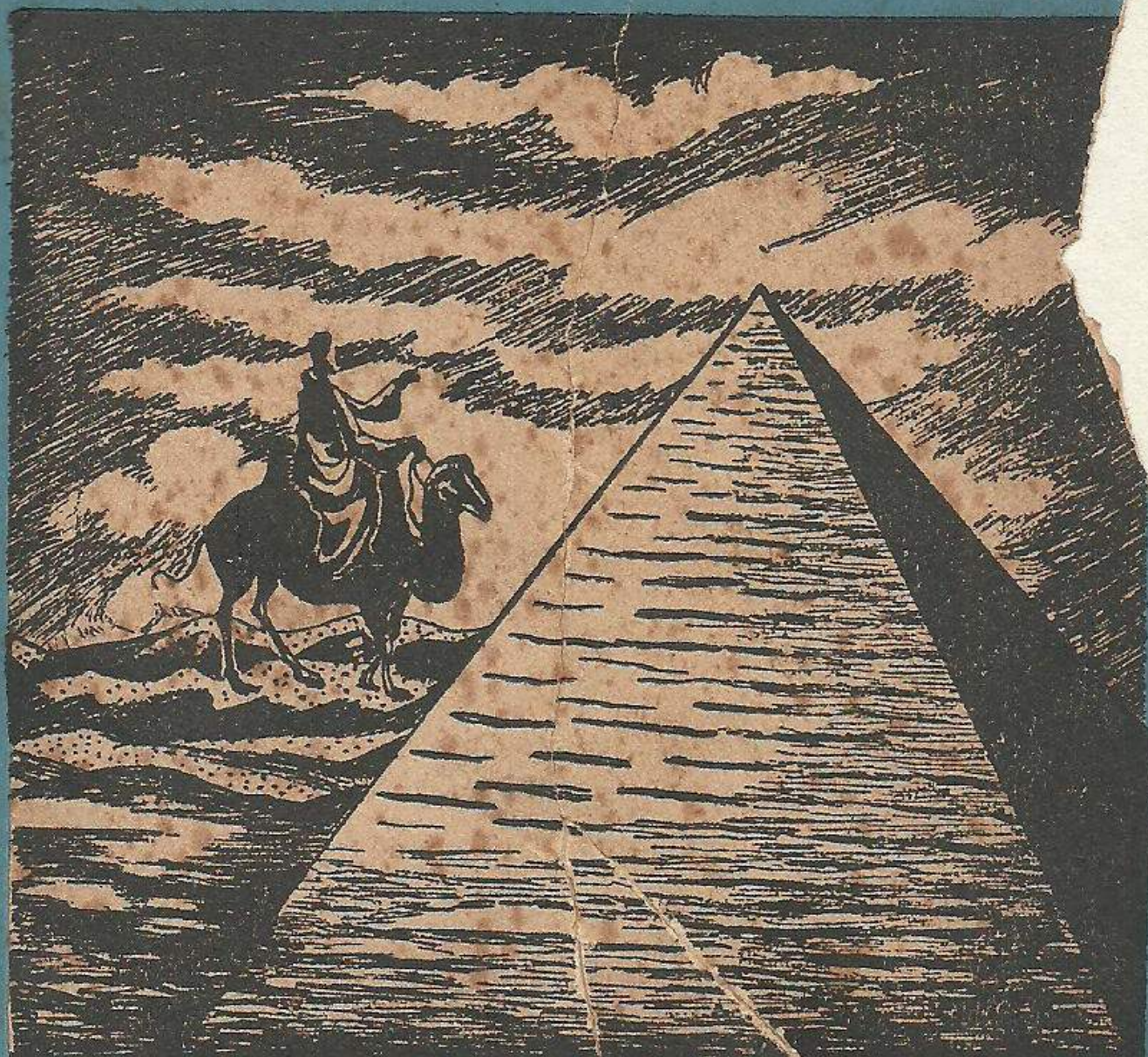


Plinio Salgado

ORIENTE



0074

ORIENTE

PLÍNIO SALGADO

ORIENTE

Impressões de viagens

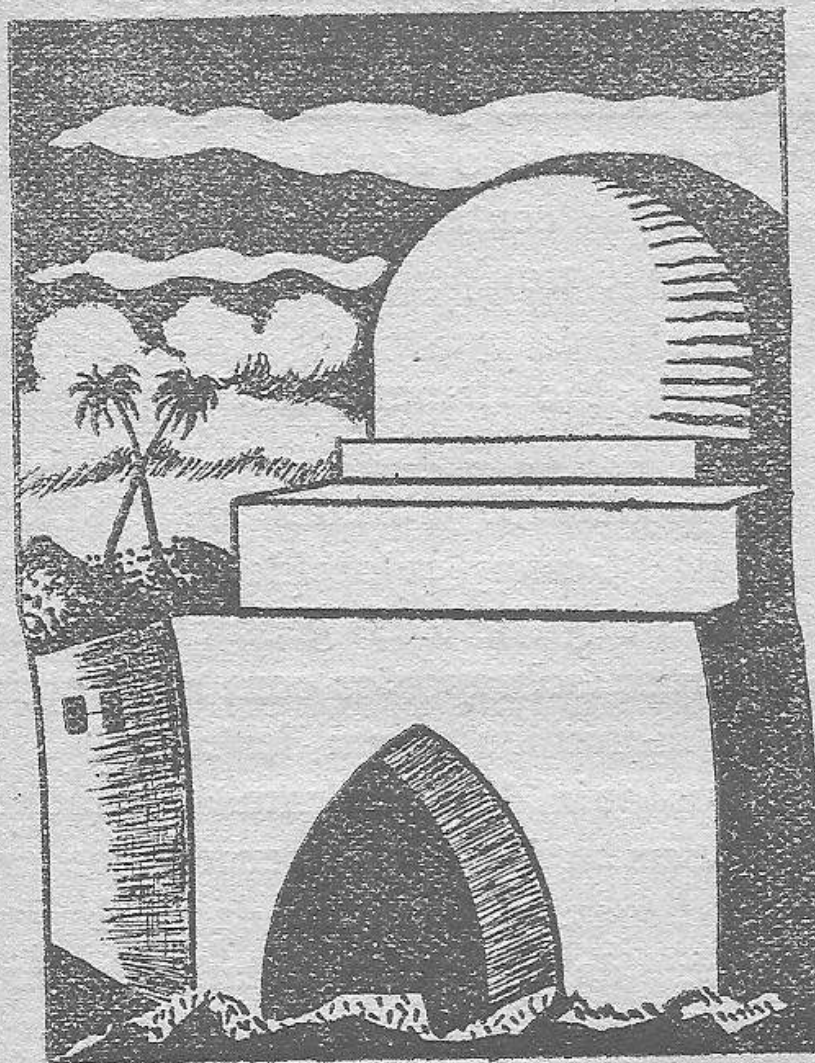
1946



RIO DE JANEIRO

1 9 4 6

PALESTINA



TARDE empalidecia do lado de Haifa. Pela estrada que vem da Judéia, desenrolando-se em espirais, havíamos descido as montanhas de pedregulho da cadeia de Moab.

Os olhos fatigados da sucessão dos cômos ásperos, dos vales ermos. A grotta do Ce-

dron ensaiara, por instantes, um aspecto verde. Foi um relâmpago. Tudo recaiu na rispida aridez dos campos maninhos, que vão das planícies marítimas da Jafa ao monte das Oliveiras, e descem, pela nave apocalíptica de Josafat, transpondo o Jordão e o Mar Morto, até aos desertos centrais.

A Judeia é um pedaço da terra entrando no céu.

Tudo, ali, é o firmamento largo, descampado, sobre a nudez hirta dos montes. Uma nudez de ascetismo: atitudes de Yokanaans petrificados. Gestos retorcidos de oliveiras imóveis. E a regularidade geométrica dos socalcos calcários, sobrepostos com a simetria de alicerces de monumentos em destroços.

Na monotonia dos panoramas, a monotonia das aldeias árabes: aglomerados de casas em cubo, reproduzindo, como dados brancos, o tom branco da paisagem listada de largos traços brancos.



Chegamos a Dinim, com o ruído das Essex, quando um sol muito louro caía para os lados do mar. Árabes, armênios e judeus, ao longo das calçadas, fumando em nargiles.

Jumentos e camelos. Mulheres bíblicas. Pequenos bazares. E um café delicioso.

Avistamos as primeiras palmeiras. Nos quintais. Recortadas no fundo de pérola da tarde desmaiada. E aquilo era como um vento fresco, um jorro d'água, sorriso amigo da terra.

A asa aberta, como pássaros num céu de rosa, espiritualizando a perspectiva do poeta samaritano, que tinha a doçura lírica da fonte de Jacó...



A vida e a morte de Jesus estão condicionadas sob irresistíveis imperativos geográficos. A cidade do sacrifício tinha de ser, forçosamente, Jerusalém. A parte dogmática da doutrina cristã havia de ser sustentada no risco atrito da terra nua e do céu desfraldado.

Sente-se demasiadamente a amplitude neste trecho da Palestina. Índices topográficos expressivos, tais as figuras humanas de Elias e Jeremias, as montanhas pétreas e ásperas permanecem nos relevos como objurgatórias tonitruantes e prantos exasperados.

O profeta, a sua caverna e o seu corvo.
O bardo e a nenia convulsa...



Compreende-se ali o terror noturno de Saul; o miserere-mei de Davi: o drama sexual de Salomão, no simbolismo do "Cântico dos Cânticos" e na visão enfastiada do "Eclesiastes". São os impositivos circunstanciais do meio físico, no largo palco de grez.

O fenómeno subjectivo amplia-se, à falta de anteparos exteriores que efetivem o equilíbrio funcional do espirito. E' a hipertrofia da personalidade avolumada pelo centrifugismo explosivo do drama interior...



Os países exuberantes difficilmente produzem taumaturgos e profetas: — a paixão das idéias em marcha para o sacrificio.



A doutrina de Jesus é condicionada na geografia da Galiléia: mas a Judéa é o ecran onde ela se objectiva e se destaca. Ali é que se processa o fenómeno psicologico da Paixão

Não há, apenas, em contraposição à terra e à suavidade das verdades simples, a austera vigilância dos textos legais e religiosos exercitada pelo espirito árido dos Doutores. Há principalmente, a alma geológica e topográfica da Judéa, impermeável ao sentido floral e agrícola da Galiléia, que brota da sua própria conformação orográfica.

Sob esse aspecto, o assassinio de Jesus reveste o crime de Caim e a tragédia vegetal de Osiris, no Velho Egito. No país das pirâmides, é o deus dos desertos (Seth), que mata o deus verde e munificente das planícies que vão de Menfis ao Delta. Mas, a resurreição de Osiris é a vitória da terra fecunda.

Em Jerusalém transborda e a si mesma ultrapassa a paixão messiânica do Rabbi. É a fatal evolução do estatuto social de Moisés gerado na aridez do deserto e submetido à contingência do meio cósmico, na Terra Prometida. A legislação mosaica é produto dos areais escalados, que vão de Gósses ao Sinai e deste, através da Arábia, à terra de Canaã. Na viagem que fiz do Cairo ao Canal de Suez, pelo caminho dos hebreus, pude compreender a formidável força estatucional que se tornou o único ponto de referência da Nação, perdida

no panorama branco de saibro, sem o apoio da organização económica e da fixação à gleba.

Essa força vinha do próprio deserto. E sublimava-se nos irreduzíveis parâmetros da lei. A tradição histórica é todo o património israelita no doloroso nomadismo da travessia. Ela se estampa na tela coruscante da planície nua. É a solidão que destaca e focaliza o aparelho institucional. Esse agente cósmico continua a atuar, como um sustentáculo do dogma teológico e da legislação civil, através da expressão geológica da provincia que toca a Judá e a Benjamin na partilha de Josué. E amplifica-se, impondo a hegemonia da velha Jebus às doze tribos de Israel.



Avistei Jerusalém numa nítida manhã de sol.

Grande ossada branca e terrosa.

As montanhas calcárias que a circundam, de rimas superpostas de pedregulho, dão a impressão de uma vasta metrópole morta, como os cemitérios sarracenos. Mas a cidade mistura-se com elas e parece, também, uma colina de cascalho, marcada pela pontuação verde-escura das oliveiras, que se disseminam, como fantasmas paralizados, num gesto de marcha.

E, dominando tudo, transbordando o prato de pedra da paisagem desolada do céu.

Um céu derramado, que se despenha na declinação amplamente desenvolvida no rumo do Jordão e do deserto. Um céu onipresente, que se insinua nos detalhes mínimos dos tratos alpestres; que desfecha, contra o olhar, o perfil das casas, das torres e das tumbas. Um céu, que se despeja sobre Jerusalém, como uma tinta azul num tinteiro de granito.

A torre Antônia fita os olhos de pálpebras negras sobre o monte Moreah, onde a mesquita de Omar pesa sobre os fundamentos do templo de Salomão. Estende-se o bairro judeu aberto entre o Calvário e horto Gethsémane.

Sionitas de sobrecasaca e barbas longas. Mulheres do Evangelho, com o ângulo negro dos chales, destacando a palidez do rosto oval. "Galabias" cinzentas de beduínos, que descem nos tornozelos; "gambazias" listadas e coloridas de árabes, de "cheiks", com tuфadas "kafias", que se desenrolam dos "agaes", da testa nos ombros, em dobras esvoaçantes; armênios e "fellahs", de vastos "cheruebs", como bombachas de gaúchos: sírios e turcos de "fêz" vermelho; ingleses de chapéus ovaes de cauchut; damas orientais de rosto velado pelos "nogales", que ~~es~~correm, como barbas de cre-

pe, de olhos luminosos de bistre; padres ortodoxos, de longas barbas; maronitas, capuchinhos côm de rapé, calvos dominicanos, em bureis manteiga, sotainas negras, freiras e frades de todos os matizes; ciganas de colares de moedas; drusos hirsutos, coptas e negros, "touristes" de perneiras e "kodaks". E jumentos carregados de verdura, com guisos e fitas vermelhas, por entre a multidão heterogênea, que cruza a rua de Davi, de 3 metros de largo, com calçadas em que se estendem quinquilharias, amuletos, verônicas, santinhos, lindas cerejas e lindos abricós.

E o Santo Sepulcro. Com peregrinações e velas bentas. E a explicação, em inglês e francês, dos guias da Agência Cook, da Sitmar...



Belém galga a colina por uma escadaria de soccalcos brancos. Casas de pedra e muros com lichens. Campos de pastagens escassas. E os mesmos pastores da noite de Natal, com seus rebanhos de cabras...

À beira da estrada, olhando Bethsabor, a tumba de Raquel, a filha de Labão, por quem Jacó trabalhou catorze anos.

A manjedoura, numa gruta de pedra. A furna, onde S. Jerônimo escreveu, magro, velho, longas barbas brancas, pele sobre ossos, a história da Virgem. E a nave de colunas redondas.

Fora, o sol branco. Quinquilharias de bazares em redor. Tudo arrumadinho, como de propósito.

A mesma impressão do Santo Sepulcro. A exuberância da iconografia católica e ortodoxa (e esta é ainda muito mais exuberante), vela nos lugares Santos, as linhas simples da Tragedia. A indumentária excessiva — candelabros e castiçais, molduras e telas, lâmpadas e imagens, vasos e tapêtes, velários, dísticos, — acumulada através dos séculos, obstruiu como o simbolismo numeroso de seus efeitos, a visão direta dos fatos elementares.

Sente-se melhor a vida luminosa de Jesus, no alto do monte das Oliveiras, ou na estrada torricolante da Samaria. Foi por esta que, depois de descansar um instante junto à Cisterna de Jacó, alcancei o poente com as primeiras palmeiras na aldeia pequenina de Dinim.



Dai por diante, a docura infinita da tarde nos vales verdes de Samar. São limites natu-

rais expressivos do contraste entre os antigos reinos de Roboão e Jereboão.

Desde que se desce os montes pedregosos de Moab, e pelo caminho de Sichen, abandona-se os cimos de Gazirim, à esquerda, e Gilboé, à direita, abre-se-nos aos olhos a docura sua-víssima da planície de Jezzell, que se alarga, desde o Thabor, redondo e azul, até à cadeia do Carmelo, que se desfecha no mar.

Um incidente de viagem nos obrigou a parar alguns minutos. Pude, então, sentir todo o rumor dos campos, no ar fino da tarde rosada. As vozes dos fellahs nas eiras, estuminhadas na distancia; o vento sutil, ciciciando, baixinho, nas ramarias das oliveiras, dos vinhedos verdes, na ondulação de ouro de trigaís. E caricioso canto de paz, ao longo dos valados o sincero dos rebanhos, como pequeninos sinos invisíveis... Ao fundo, a silhueta do Thabor, recortada no azul desmaiado, com a nitidez de um relêvo de medalhas. E já próximo, o Carmelo, do alto de um céu muito puro e muito transparente, desenrolando as primeiras sombras, que caminhavam devagar...

Jesus é tóda a geografia dessa região focalizada na aspereza soturna da Judeia. Sua doutrina é a Bem-Amada que tem o perfume agreste e a mansuetude das ovelhas. As doces pará-

bolas são filhas destas tardes, boas como perdoes. Tóda a bondade dos humildes vem da bondade desta luz, destas tonalidades sutis do panorama galleu. O Sermão da Montanha é a filosofia desta paisagem...



Brillham, agora, as primeiras estrelas.

Chegamos a Nazaré na hora da Anunciação.

Os sinos estão batendo a Ave Maria.

Como a nossa Civilização moderna está precisando da suavidade desta luz crepuscular...

Venho de um país longínquo, agitado pelos rumores das fábricas, pelo convívio complexo das raças, pelo tumulto das ambições em trânsito, pelas angústias dos seus problemas sociais e económicos, pelos arrancos do gigante que se quer pôr de pé, entre as nações. Venho com os olhos e os ouvidos cheios da civilização europeia, das surdas rebeliões que me revelou a auscultação dos bairros populosos das grandes metrópoles; e dessa inquietude que explode nos arranha-céus e se desartícula no ritmo bárbaro de "charleston" e do "black-botton". Venho com o espirito cético, carcomido pelas filosofias, comprimido entre as forças ro-

mânticas das concepções idealísticas, que se expandem, irreprimíveis, e as forças complexas do utilitarismo presente, do cientifismo materialista e da crueldade de tôdas as lutas. Venho cheio do Século, atroante de lutas de classes, com esta sede espiritual e esta inquietude genésica, êste misticismo e êste primitivismo, que se conjugam na explosão dos motores dos Icaros mecânicos e na secreta aflicção dos espiritos, na Era da Máquina...

E' êste anoitecer em Nazaré, com brilho de estrelas e cantos de sinos, com o cheiro dos jardins (a cidadezinha é tôda florida); e esta evocação da pequena família humilde, a visão desta casa simplíssima dos pobres carpinteiros, é como um copo de água fresca dessas bilhas que as mulheres vêm carregando à cabeça, por entre os camelos que tornam vagarosamente das eiras, os grupos de camponeses, que cavalgam seus jumentos, e os pastores que derivam das montanhas, tangendo os seus carneiros...



Pelas mãos de um frade capuchinho, desço à casa paupérrima de Maria, cavada na rocha. A pálida luz do crepúsculo entra furtiva no ambiente de sombra e de silêncio. E parece que

vejo surgir, no lôpo da escada de pedra, a figura do Anjo Gabriel anunciando um destino...

— Ave Maria, gratia plena...

As pancadas dos sinos humildes são longas relutâncias, no panorama de sons vagos da paisagem estelar da Galiléia...

Sinto os trinta anos de sonho do Moço Galileu, vibrando a enxó, correndo a plaina sobre os madeiros, na docura do lar tranquilo. Sinto o sonho crescer no ambiente modesto, como um clarão que avança sobre as terras, por onde marcham legiões de César e gemem escravos, sobre o mar, onde há galeras com uivos de dor sob o ritmo dos bumbos da prôa...

E' a hora da missão do Moço Galileu. Que abandona a sua aldeia e tôdas as felicidades pacíficas desta região de infinita docura.

Na hora da partida e nos dias da ausência, os olhos da Mãe, que espera e sofre, entre os motejos contrêâneos e vagos presentimentos...



Nazaré é tudo na Palestina. Para o espiritual religioso e para o espírito céptico. Para o fanático da crença e para o fanático das teorias que se revezam no cartaz dos bazares da filoso-

fia ocidental. Não é preciso que se traga a esta cidadezinha senão um pouco de coração. Para bem sentir. Para compreender.

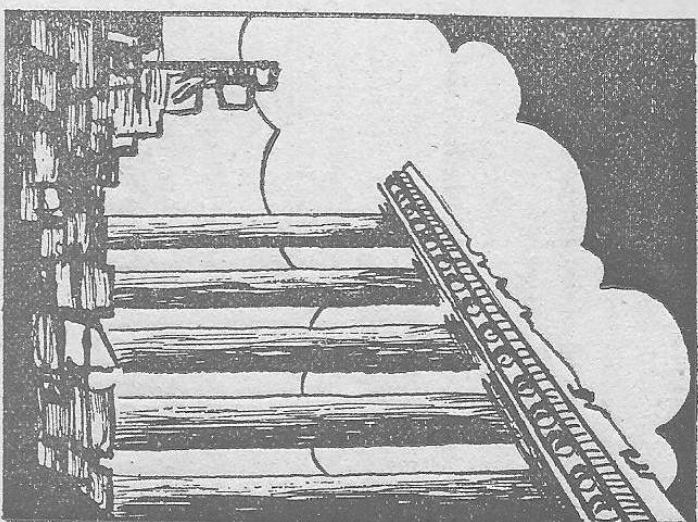


Nossos autos transpuseram o Carmelo.

Brilha agora uma grande estrêla.

Como deve ser boa a água daquelas biltas que as mulheres de Nazaré carregavam à cabeça na luz violeta, com os primeiros astros...

SÍRIA



CVAPORZINHO vagaroso entra familiar na água crespa da enseada. Botes ligeiros vêm pulando do cais, com a gritaria dos marítimos. Longe, a linha parda da aduana, a linha movente das cabeças da multidão que espera.

Do passado, onde converso com os que vão descer, para ir a Damasco, escuto, vindo de

oriente, e ao sul, nas fronteiras do Egipto e da Arábia, enquanto o Mediterrâneo lhe demarca a linha do litoral bravo.

Quatro cadeias de montanhas erigam-lhe o território ameno e fértil. O Tauro, de este a oeste, desenrolando as culminâncias de Giaurdagh e de Kulek-Dagh, e estendendo no rumo do golfo de Alexandreta a linha ondulada do Amak Dagh, de onde cai, para sueste, num desdobramento de pequenas cordilheiras, a cadeia que contorna o Eufrates e declina de Palmira a Damasco, soldando-se aos contrafortes do Anti-Líbano. Formando o vale magnífico da Coelesíria e compoendo a linha do litoral, quase paralelo, o Líbano e o Anti-Líbano. E, além de Tiro (Sur) e do vale do Leontes, o tumulto das montanhas austrais, nas terras áridas da Judeia, ou nas campanhas bucólicas da Galiléia, relembrando, cada acidente da terra um episódio da história. O Thabor, célebre pela transfiguração de Cristo, acima da margem direita do Jordão e o próximo ao lago evangélico de Tiberiade, que relembrava, também, um acontecimento da história militar da Ásia: a vitória de Bonaparte sobre o exército de Djeezar-Pachá, em 1799. O Hermon (Djebel-el-cheik dos árabes, montanha chefe), atalaia da Palestina, de um aspecto solene e grave, recorta-se no céu, coberto de

neves eternas. Dai derivam as águas dos lagos salgados de Damasco e regatos que vão ter à caudal do Jordão. O Gelboé onde se trava a batalha entre os filisteus e os hebreus. É nessa montanha que Saul exclama, já ferido pelos fleixeiros inimigos, ao seu escudeiro fiel: "Desembaíinha a tua espada e atravessa-me com ela", e não sendo atendido precipita-se sobre a lâmina da sua própria arma. O monte de Efraim, que é um prolongamento mesmo do próprio Gelboé e que se desenrola, desde a planície de Ezzrelun até Jerusalém, culminando em Habel e Chazirim. O monte das Oliveiras, a cujos pés floresce o vale de Cedron. E, projetando-se no mar, o Carmelo, alto promontório, onde o profeta Elias sacrificou a Jeová, diante do rei Acab.

A costa da Síria é o litoral característico do Mediterrâneo. Rochas esbranquiçadas, elemento predominante em todos os rebordos do Mar Interior. Que eu observara nas costas da Catalunha, nas montanhas marítimas de Marselha; na linha alvacenta de Nice, Monte Carlo e Ville Franche; na face de pedra de Castelmare e de Sorrento; que eu iria ver em Chipre, e na Grécia. Esse litoral é mais esfacelado no norte, com os relevos fortes do golfo de Alexandreta, de Latakieh, e a ponta aguda do cabo

Ziaret, recortando-se na parte meridional em traços mais regulares, nas baías de Tripoli, Beirut, Said e S. João d'Acre.

Região fértil, banhada por pequenos rios; nenhum deles é navegável. Correm pelos seus campos históricos o Sitani, antigo Leonthes, que banha a Coelesíria; El-Razi, outrora Oronthe, que atravessa o lago Timneh e desaparece no espelho quieto de Anta-Kieh; o Báradi e o Awach, na planície de Damasco; e o bíblico Jordão, em cujas águas Jesus foi batizado, e que, derivando do lago Tâmhéh, vai se perder nas águas salobras e pesadas do Mar Morto.

Tais os característicos geográficos da Síria, que se pode dividir em três partes, pelo seu clima, pelo seu aspecto e produção, as quais influem nos próprios costumes: a zona litorânea, a planície oriental, que se alonga do Jordão ao Eufrates, e a doce região das montanhas e planaltos, cumiadas do Líbano e Anti-Líbano, vales que se contornam e reverdecem no esplendor da primavera.



As culturas agrícolas da Síria — parreiras alinhados; oliveiras, amoreiras e damasqueiros, com a nota verde fulgurante de suas copadas; o tabaco (tumbak), verdejando nas

valdas inferiores de seus montes, ou nos vales apertados; laranjeiras e romanzeiras perfumando o ar puro e temperado; amoreiras, que mandam o fio de seus casulos para as sêdas de Lyon; algodoads, cereais, tapizando planaltos e planícies —, se não fazem dêsse país uma nação forte e rica é porque são vencidas pela concorrência da agricultura e da indústria racionalizada da Europa, baseadas nas facilidades do capital e consequentes aparelhamentos técnicos.

A Síria é, pois, uma nação em condições econômicas, sob certos pontos de vistas, semelhantes às da América do Sul. Se ela, como nós, não se projeta como uma potência entre os povos, não é por falta de energia e capacidade de trabalho de seus filhos. São as condições do mundo contemporâneo que impossibilitam êsse povo laborioso de atingir uma posição de predominância internacional.



O elemento preponderante na população da Síria é de origem árabe. São, porém, muito vivos os traços étnicos indicativos das populações anteriores à conquista muçulmana do século VII. Existem ainda fortes correntes genuinamente sírias, ou aramaicas. São cristãos, hi-

gados uns a Roma, outros ao rito grego. Os maronitas são dirigidos por um pontífice próprio que é o Patriarca o qual presta obediência a Roma católica. No vale meridional do Líbano, estão os drusos. Pertencem a uma seita maometana e, entre eles e os cristãos as lutas são históricas. Em menor densidade, os judeus e os beduínos.

A Síria, teatro das guerras da antiguidade, é hoje o cenário onde se caldeiam raças, ou onde os grupos étnicos se destacam em expressões inconciliáveis e contrastantes.



Nós viemos ontem de Kaifa, sob a impressão do último crepúsculo da Galiléia, que acendeu no promontório do Carmelo uma grande estrêla e estampou, para os lados do sul, como o espectro de uma cidade de arranha-céus silenciosos, os rochedos da costa bravia, que branquejam na noite diante do mar.

E o nosso navio mergulhou na noite de silêncio escachoante, contornando a linha noturna do perfil da costa.

Sobre a montanha do profeta Elias, coroada pela noite estelar, pareciam pairar os céus

imobilizados e eternizados da sua voz potente, clamando contra a impiedade de Israel.

Amanhecemos diante de Beirute. Somos poucos os que viemos do Egito, criando a familiaridade dos pequenos convívios de bordo, na monotonia do vapor quase vazio. Entre estes, um jovem casal genovês, o sr. Guido Caccia e sua espôsa, D. Hebe, companheiros de todas as excursões e comensais de todos os comensalários. Foi na Palestina que o navio se encheu de uma grande e rumorosa turba de turistas já fatigada de longas excursões ao sol: um francês magro, de kodak; um norueguês rotundo e rubicundo, que anda aos reboleiros; uma italiana loura, que só fala inglês; uma moça turca, de Constantinopla, que só fala italiano; uma velhota baixa, que flirta o comandante encabuladíssimo; e uma onda de ingleses, infalíveis em todos os portos, que se vêm juntar à provisão de britânicos do nosso estoque de bordo. Uma esguia senhorita de Lyon, adere ao nosso grupo latino, discute literatura e me informa sobre pormenores da vida em Jerusalém, onde morreu. Poucos, porém, são os que vão descer, porque muitos já fizeram, por terra, excursões pela Síria.

Apenas o alemão, de gabardine clara, com a mulher, e o inglês de cachimbo da espôsa

de nariz vermelho e cabelos de labareda, que fazia questão de dançar todos os fox-trots, e mais alguns companheiros, se decidem ir a Damasco.

Prefiro ir primeiro a um ponto mais remoto a duzentos quilômetros de automóvel, nas faldas do Anti-Líbano, no recesso do país: Baalbek.



Beirute é uma cidade de belíssimo aspecto, assentada numa península que se apoia nos contrafortes do Líbano. O seu pôrto, assim como a posição privilegiada em que se encontra, exatamente ao centro do litoral sírio, dão-lhe grande importância comercial. É um centro industrial, de fiação de seda e de algodão e a porta natural para o escoamento das riquezas do país, entre as quais os famosos tecidos de Damasco, à qual se acha ligada por uma estrada de ferro. Fundaram-na os fenícios, amigos do rei Salomão, que com êle comerciavam trocando as suas madeiras e especiarias por óleo e vinho, nos tempos de Hiran. Foi, depois, cidade romana. Em 1110, conquistou-a Balduino e em 1187 reconquistou-a Saladino. Cai, em seguida, no poder dos emires

drusos, no século XVI. Em 1831, tomou-a Ibrahim Pachá, filho do libertador do Egito, Mehmet-Ali. Em 1890 foi bombardeada por uma esquadra anglo-turca. Possui ainda hoje fortificações da Idade Média. Visitei a sua igreja, que data do século XII e está agora convertida em mesquita.

As ruas de Beirute são limpas e oferecem um bom aspecto. Pouco tem de oriental. É moderna e elegante. Mas o que ela possui de mais encantador é o bairro alto, magnífico, que se desenrola pela encosta ocidental das montanhas do Líbano.



O auto começa a subir a encosta, pela estrada de cimento. Beirute fulgura ao sol, diante do mar. A estrada se desata pela montanha verde. Em caracóis. A paisagem vai ganhando interesse. Vejo bosques e bangalós. Numa larga extensão alpestre. O automóvel sobe mais, pela estrada de asfalto, larga, magnífica. E os panoramas se desenrolam maravilhosos.

É o Líbano. Com suas florestas onde se abrem clareiras ajardinadas, de onde se evola

O aroma dos canteiros, como uma sinfonia de perfumes.

O sol agora é como uma lâmina transparente no céu azul. A névoa da Serra se desfaz. As matas têm um verde vivo no fundo das grotas, nos espinhaços dos contrafortes. E' uma manhã gloriosa, que rutila como um diamante. Paisagem de apoteose, com tôdas as tonalidades da côr, desde o azul escuro do mar, lá em baixo, ao azul claro do céu, sôbre o coruto do Líbano, de um verde rutilante, em cujas faldas cintilam os telhados escarlates das vendas modernas entre aléas claras de salbro e pedregulho e o amarelo vivo das flores.

Subimos a serra bíblica, e já agora derivamos para o vale majestoso da Coelesiria, sob a impressão literária do Cântico dos Cânticos, do Rei Salomão. Estamos em maio. E' a primavera. Este perfume fino, que vem das florestas, é o cheiro capitoso da Sulamita. As romanzeiras, laranjeiras e damasqueiros estão rescendendo o aroma dos seus frutos. Pelas encostas esplendem as parreiras alinhadas. Fulgura no vale amplíssimo o ouro dos cereais...

E tudo, na paisagem lânguida, parece ainda ressoante das palavras de amor do Rei Poeta:

"Levanta-te, amada minha, formosa minha, e vem.

Pois eis que passou o inverno;

Já se foi, já cessou a chuva;

As flores aparecem na terra.

Já chegou o tempo de cantarem as aves,

e a voz da rôla se ouve na nossa terra..."

Apuro os ouvidos. Há cânticos sutis na manhã fulgurante. Os vilarejos, cujos telhados cintilam no fundo do vale amplíssimo, pelas margens do Sitani, antigo Leonthes, emolduram-se de parreiras e campos de trigo. E' realmente a quadra dos idílios, em que Salomão exclama:

*A figueira começa a dar os seus primeiros figos
e as vides estão em flor;*

elas emitem a sua fragrância:

levanta-te, amada minha, e vem!"

O monte Hermon aparece dos lados do sul, coberto de neve, como a "cabeça de um velho", na descrição precisa de Renan. O Anti-Líbano resplende num azul ferrete coroado de neve, como um pano de bôca, velando as regiões planas da Mesopotâmia, onde o Eufrates rola as suas águas sagradas. O Djebel-el-Cheik culmi-

na a 3.000 metros de altura abrindo o seu largo peito para a luz carinhosa do sol.

E o tema insistente, a doçura sentimental e voluptuosa do lirismo, da ternura amorosa dos asiáticos, no epitalâmio do Rei-Poeta:

*"Vem comigo do Líbano, noiva minha;
vem comigo do Líbano.*

*Olha o cume de Anan;
do cume do Senir e do Hermon,
dos covis dos leões,*

*dos montes dos leopardos
entevaste-me o coração, com um dos teus olhares...
Quanto melhor é o teu amor do que o vinho!*

*Os teus lábios são como favos de mel,
o cheiro dos teus vestidos é como o cheiro do Líbano,
os teus renovos são um pomar de romãs,
a hena com as plantas do nardo, o nardo e o narciso,
o cádlano e o cinamomo, as árvores do incenso, a*

(mitra:

*— és a fonte dos jardins,
o poço das águas vivas,
e as torrentes que correm do Líbano..."*

Nosso automóvel corre pela Síria baixa. Deixamos agora o Líbano que se desenrola para o Sul, no rumo da antiga Tiro, a bíblica cidade do rei Hiram, terra de Pigmalião e de

Dido, a fundadora de Cartago. Pequenas aldeias. Qualquer coisa da Umbria, com as oliveiras e os pelotões alinhados das vinhas, que marcham pela planície. À beira da estrada, com suas barracas, seus carneiros, suas mulheres e crianças, suas vestes talares côr de chumbo, os beduínos. A impressão do patriarca Abraão, pai de Isac, que foi beduíno também.

Há por tudo a ternura da terra, cheia de luz e de aromas agrestes. O automóvel corre. Como a atender a voz da Sulmanita, cujos olhos são semelhantes às "piscinas de Hesbon, junto à porta de Bath-Rabim", cuja estatura é "semelhante à palmeira", os seios "cachos de uvas" e o hálito igual "ao perfume das mangas":

*"O' tu, que habitas nos jardins,
apressa-te, amado meu,
e sé tu como o filho da gazela
sobre os montes de aromas..."*

E o auto corria sobre os montes de aromas...

Às margens do Nahr Koveik, Alepo é o grande centro de convergência do comércio da vasta região do Eufrates. Ali vêm as longas caravanas do Mossul, de Diarkebir, de Lata-

kieh, de Alexandreta, de Damasco e de Bagdá. É a cidade dos brocados de ouro e prata, sêdas e algodões, estofo de cetim bordados de ouro, musselinas de gaze. Já está refeita do terremoto de 1882, e apresenta um curioso aspecto de comércio oriental.



O Nahr-Baradi, que desce do Anti-Líbano, para ir morrer no espelho calmo do Bahr-Atebe, de quietas águas salgadas, nas portas do deserto, desliza, entre verduras, pelo amplo vale do El-Gulah, que se abre, como dois braços floridos para as areias calcinadas dos pannonamas centrais. E ali, entre esguias palmeiras que se recortam no céu escarlate das tardes asiáticas, ergue as latadas de rosas entre jardins de açucenas e lírios, a cidade sumptuosa das mesquitas: Damasco, envolvida nas folhagens verdes, com suas tôrres muçulmanas e seus vitrais que cintilam. A grande mesquita dos Omniades atrai para o firmamento o minarete esguio de Medinet-Isa (Cidade de Josué) com 80 m. de altura. Não muito longe, a mesquita de Sehan-Pachá, exuberante de ornamentações, e a cidadela, com as imponentes portas romanas de Bab-el-Charki e a Bab-es-Saghir.

As ruas estreitas de Damasco têm um cunho perfeitamente oriental. É o comércio intenso. Ali chegam, ali partem caravanas de camelos de camelos, que atravessam o deserto, no rumo de Bagdá. Damasco é o grande empório, onde os ricos mercadores de turbante, amplas gambazas de finas sêdas e mantos esvoaçantes, chegam em camelos ajazezados de selas e mantos franjados de ouro. Ali se mesclam os aspectos da indumentária europeia, síria, árabe, no borborinho dos bazares. Artífices trabalham em armas brancas: espadas de copos cinzelados, punhais de cabos opulentos, adagas, floretes, semiarras lunares, de bainhas saracenas estilizadas com luxos de detalhes o Crescente que esplende no alto dos zimbórios nos crepúsculos mágicos. Toma-se chá em pequenos copos, sentando-se em banquetas quase rentes ao chão, as pernas cruzadas, para ver sobre mesinhas hexagonais encrustadas de madreperolas (as graciosas scamilas) as sêdas, os famosos damascos, os tapetes pomposos, os mantos de pêlo de cabra. E dão-nos a cheirar os perfumes exóticos, de âmbar e lotus que são como segredos da terra voluptosa e lânguida da Síria. Ostentam-se aos olhos dos mercadores do deserto as selas rangendo os couros novos, com peitorais, rabichos e loros prateados, es-

tribos de prata ou metais diversos lavrados, e o cheiro característico da courama e dos vernizes. E não raro se vêm arreios de ouro luzente que iluminam as marchas noturnas dos cavaleiros que resplandecem ao clarão das estrêlas. E a turba se movimenta nas ruas no vá-ven mesclado das raças.

Damasco é a cidade das flores, dos jardins, das latadas, dos arredores amáveis em que resplandecem as romanzeiras e damasqueiros, as macieiras e pereiras, as sebes perfumosas, de onde emergem como altas colunas, entre os legumes das tamareiras tufadas e dos fetos, a silhueta esguia e espiritual das palmeiras.



Eis Baalbek.

O frio corta. Há um hotel de telhados angulosos, como as casas alemãs. De tom violeta e janelas envidraçadas, que cintilam ao sol. Um silêncio imenso, dominador. Em que há rumores vagos de insetos, de estalidos de galhos, de rodar de carros, longe.

As ruínas da grande cidade dos deuses estão diante de nós. Mas o que pesa sobre tudo isto é o panorama largo, as montanhas do Líbano, à nossa frente, a cumieira do Anti-Líba-

no, às nossas costas, e este vale imenso, por onde sabemos que corre o fio d'água do Sitani, do qual não nos chega, entretanto, o mais leve rumor. Às suas margens, há aldeias; daqui mesmo se divisam os seus telhados; mas, a despeito de tudo, este grande silêncio na manhã branca. As neves eternas nas cabeças das montanhas. Ninguém pela estrada. A natureza sóbria e imensa, o céu azul puríssimo, infinito, as ruínas mudas, e esta varanda de hotel que olha para elas, com suas janelas envidraçadas.

Encontro aqui um guia, que mostra as ruínas. É' colombiano. Falo-lhe, então, em português, e êle vibra de alegria, chamando-me "patricio". Aqui, no centro da Ásia, como a Colúmbia parece pertinho do Brasil!

— Usted es de mi tierra, hombre! — exclama o jovem de Bogotá.

— Sim, — torno eu — o Brasil é vizinho da Colúmbia.

— Es lo mismo, — teimou êle.

O americano do Honolulu, que está conosco, pergunta-me em francês o que diz o homem. Explico. Ele repete à espôsa, em inglês. O nosso chofer conversa em árabe com o dono do ho-

tel. E aparece a bebida da terra, que bebemos em pequenos cálices. E' o "herak", o vodka, a pinga da Síria.



Baalbek é o esqueleto dos Séculos.

E' um monte de pedras trabalhadas, gigantescas, partidas, tombadas ou eretas, na sua resistência multi-secular. Alicerces graníticos enormes, de blocos monolíticos, que os assírios plantaram para o templo de Baal. Fustes gigantes, de cinquenta metros, torneados no rochedo vivo de Assuan. Que foram ali trazidos de duzentas léguas de distância, em enormes caravanas de camelos e de bois, e o gemido doloroso dos escravos. Cornijas talhadas com efígies de leões, imensos capitéis greco-romanos, para a glória de Júpiter, de Baco e de Venus. Ameias árabes, marcando a passagem dos sarracenos. Subterrâneos, cavaliarias em extensos túneis, com medalhões em que se esculpiu o perfil de Diocleciano.

Tudo dentro do silêncio enorme, funerário. Sob a luz silenciosa, fulgurante. Com ruídos secos de lagartixas, milhares de lagartixas que vibram, como pequenos alicates, e pare-

cem picar o esqueleto petrificado dos séculos monumentais...



Sento-me, sôbre um grande capitel tombado no átrio ensolarado junto às colunas formidáveis do templo de Júpiter. À minha frente, ergue-se o grande templo de Baco; à esquerda, entre montes de pedra de onde saem tufo de verdura, o templo de Venus. Para os lados do Norte, as fortificações ameadas da cidade árabe.

E' a cidade do Sol, do deus Baal dos fenícios, que os gregos continuaram a cultivar. Sôbre a Heliópolis derruída, o seu deus tem esta manhã uma fulguração dominadora. No amplíssimo vale, êle parece fixo, a olhar com seu olhar agudo tôda esta imensa campina que se estende pelas margens do Sitani e do Oronle, numa altitude de 1.150 metros, sob a guarda eterna das montanhas de neves eternas.

Passaram por aqui várias civilizações: a assírio-fenícia, que deixou os alicerces do templo de Baal, que é o mesmo Moloc de Cartago, o Hélios do Egipto; a helénica e a romana, que deixaram os fustes colossais, os capitéis e cornijas talhadas nos blocos graníticos, o Propileu agora derruído, os frisos esculpturados; a

cristã, que erigiu a basilica de Teodósio; a muralmana, que assinalou a passagem dos árabes com os muros dentados das fortalezas saracenas. E, sobre tôdas essas civilizações, que se sucederam, veio o terremoto, que misturou todos os destroços, que mesclou todos os aspectos das civilizações, e veio a verdura luxuriante, que procurou apagar da face da terra os vestígios das idades.

Apenas o sol, no alto, fulgura na sua glória.



São curiosos os estudos de Puchtein, de Harritz e de Schulz, sobre a cidade de Baal. Dêles, extrainos alguns dados interessantes.

Subia-se outrora à Acrópole por uma majestosa escada que foi destruída pelos árabes, os quais ali edificaram as suas "kalaats", ou fortalezas. No lugar das 12 colunas de granito rosa que formavam a fachada dos Propileus, onde leva a escada pela qual se sobe, foi erigido um alto muro de fortificação.

Entrando-se na praça, colossal que passa em frente, penetra-se no pátio hexagonal. Apesar de os árabes terem destruído tôdas as esculturas e tôda a ornamentação, êste pátio evoca um passado prodigioso.

Ao pátio hexagonal, sucede o átrio do altar, grande átrio ou panteon. Esse local é designado pelo nome de átrio do altar, porque está localizado ao centro dêle o altar dos holocaustos; e grande átrio, ou panteon porque é um dos maiores que nos legou a Antiguidade e continha nas suas exedras mais de trezentas e sessenta estátuas das principais divindades mitológicas. Para se fazer uma idéia das proporções dêste átrio, basta ver um fuste de coluna, entre os escombros. É um bloco cilíndrico em granito do Egito, finamente trabalhado, de enormes proporções. Existiam nesse pátio, 114 colunas semelhantes e 54 no pátio hexagonal. Foi com êsses destroços que o imperador Teodósio ergueu a Basilica Bizantina, da qual a simplicidade e a pobreza causam admiração, ao lado da magnificência dos monumentos romanos.

O templo de Júpiter Heliopolitano, construído segundo dizem, por Antonino, o Pio, era a parte principal dêste vasto conjunto de edifícios. Sua grandeza e sua beleza faziam-no considerado uma das maravilhas do mundo e suas ruínas merecem ainda a honra de um título semelhante. Ele media 90 metros de comprimento por 50 de largura. Das 54 colunas que o rodeavam não restam senão 6. Tudo o que

fazia o ornamento do templo (frisas, guirlandas, cabeças de touros e de leões) desapareceu sob as ervas bravias. Sózinhos, enormes allicerces monolíticos testemunham as proporções colossais do edificio.

Depois de ter atravessado as fortificações árabes, que datam da Idade Média, chega-se ao templo de Baco. É o melhor conservado, sendo também o mais estético dos templos do Oriente. Penetra-se nêle por umbrais imponentes, a mais grandiosa porta que a antiguidade nos legou. Ao longo da nave correm, em guirlandas, ramalhetes de espigas e dormideiras em flor, de pânpanos, de heras e de cachos de uvas, atributos do deus Baco. Em baixo, o deus infante amamentado por uma Ninfa; Pan, com a turba dos Sátiros, das Bacantes e dos Cupidos fazem a vindima. A decoração mural onde a luz penetra de chôfre, é bellissima. Todos estes motivos architecturais estavam cobertos por opulentos rendilhados de esculturas. O teto é de um grande efeito, ornado de cabeças monumentais e de bustos: uma Medusa, um Silvano, Gaminedes carregado pela Águia, Venus com Cupido, Proserpina e Plutão, Minerva, Marte, Diana, a Vítoria alada. Teto admiravelmente conservado como nenhum outro.

Do templo de Júpiter Heliopolitano pouco resta, podendo entretanto serem admirados os seus allicerces ciclópicos, onde se encontram três monolitos, respectivamente de 19 metros, 20, 20m. e 19,50 m. sôbre 4 metros e 20 de largura e 3 metros e 75 de altura. Parece incrível que numa época tão remota, sem os aparelhamentos modernos, pudessem ser transportados de tão longas distâncias, êsses blocos formidáveis de pedra.

Encontram-se ainda em Paalbek as ruínas do templo de Venus; a antiga mesquita; as catacumbas romanas, muito mais imponentes do que as próprias catacumbas da Cidade Eterna, o picadeiro, e vários outros vestígios dos arredores da Cidade do Sol.



Junto às altíssimas colunas do templo de Júpiter, procuro compreender esta imensa voz silenciosa dos séculos, sob o céu alto e azul, que derrama a sua luz branca sôbre o vale amplo da Coelesíria, que, entre as montanhas do Líbano e do Anti-Líbano, parece, êle mesmo, uma nave imensa sôbre a qual Deus se debruça.

Aqui, neste largo peito da terra, vieram os fenícios, há três ou quatro mil anos, para

honrar a Baal. Talharam blocos de pedra, plantaram o marco de sua passagem; e vieram, depois, os gregos, e erigiram o culto de Júpiter Olímpico, de Baco e Venus, e de tôdas as entidades em que representavam a Causa do Universo; e vieram os romanos, e Trajano conversava ali com os oráculos sobrenaturais; e vieram os cristãos de Teodosio, e ergueram no planalto do Baalbek o culto de Jesus e da Virgem; e vieram os sacerdotes sarracenos, e transformaram as velhas ruínas em fortalezas, e erigiram sua mesquita para honrar a Maomé.

Baalbek foi o grande "rendez-vous" da humanidade. Entre estas montanhas ressoaram os gemidos dos escravos, que arrastavam os blocos de granito, desde o Egito, e a marcha rítmica das legiões romanas, o estrépito dos cavalos de Maomé, depois, da cavalaria de Tamerlão, e, por fim, o bramido da terra, no terremoto de 1789. A cidade de Baal viu passar tôdas as civilizações, que ali vinham conversar com o Infinito, indagando o sentido eterno das coisas.

E agora, junto aos grandes alicerces, de todos esses rumores, eu só escutava o ruído sêco das lagartixas, que vibravam, à luz da

manhã, entre os escombros, no gélido silêncio do panorama verde...



Na encruzilhada onde a estrada de Baalbek vem cair sobre a rodovia que vai de Damasco a Hamah, estende-se, junto das ruínas da antiga Emesa, a pequena cidade de Homs, com pouco mais de sessenta mil habitantes. A 50 quilômetros ao sul da famosa Epifânia dos gregos, que foi denominada outrora por assírios, caldeus e persas com o nome que ora conserva, de Hamah. Corre perto, o Oronte. Ro-deiam Homs campos de milho, de centeio e de amiz. É um centro industrial de algodão e seda, que atrai também as populações do norte e do sul, para as suas feiras de gado.



No vale verde, corre tranquilo o Nahr-el-Assy, banhando as cidades que sabem histórias remotas e guardam os ecos das guerras e a lembrança das civilizações antigas. É o velho Oronte, que vem, desde o Anti-Líbano, correndo de sul a norte, entre pastagens e rebanhos, pomares e campos de cereais, ora deslizando como

um filete, ora se alargando nos rebojos de lagos quietos, ou vastos charcos que cintilam ao sol. Depois de contornar o Djebel-el Kosair, envereda para SO., recebendo as águas do lago de Antioquia, ou Ak-Deniz, para depois se projetar no rumo do Mediterrâneo, entre o Djebel Akia e o pôrto de Sueidiéh, ou de Seleucia.

E é próximo ao lago de Antioquia que o velho Oronte espelha as ruínas romanas da grande metrópole dos últimos reis da Síria. É a prestigiosa Antioquia das epístolas de S. Pedro e S. Paulo, a cidade onde, pela primeira vez, os discípulos de Jesus tomaram o nome de cristãos. Destruída tantas vezes, desde os tempos dos persas, tendo escutado em tórno de seus muros os rumores das batalhas dos cruzados e dos sarracenos, ela é hoje a Antakieh modesta dos turcos sob a jurisdição administrativa de Alepo. Como a consolá-la na sua humildade, lá estão as grandes muralhas, com portas solenes e tórres latinas, e o perfil do aqueducto evocando a grandeza romana.



Viagem para Trípoli. Parece o Lebbon, a Côte d'Azur. Tem qualquer coisa também do litoral de Castelamare. Menos áspero. A estrada

da e o mar. A estrada cortando as montanhas. Escondendo-se dos olhos azuis do horizonte marítimo. Surgindo, de improviso, para espiar uma vela branca, que treme, ao largo. Abaixando-se sob um túnel, na rocha. Trepando numa curva mais forte da montanha íngreme. Fugindo da costa para o interior, entre culturas do tabaco, com suas estufas de pedra.

Várzeas pontilhadas de pedras. E, de repente, a estrada contorna uma escarpa granítica, como um monumento. Na face da laje está escrito, na língua de cada povo, na expressão de cada idade, o nome dos guerreiros que passaram, sob sua sombra, com seus exércitos.

"Ciro, passou por aqui", dizem caracteres da milenária escrita dos persas. E, logo abaixo, em grego: "Alexandre passou por aqui". E, em seguida, em latim: "Pompeu passou por aqui".

E, finalmente, sem a síntese da antiguidade, redundante, longa, explicativa, massante, a placa enorme dos franceses: "O General Gouraud, comandante do exército tal, das forças aliadas, em guerra contra os impérios tais e tais, em operações na Ásia, passou por aqui, no dia tanto, de tanto, de mil novecentos e tanto, conduzindo os corpos tais, tais e tais, respectivamente comandados pelos oficiais seguintes (e lá vêm os nomes dos oficiais franceses)".

Sobre a formidável poesia dos antigos, a placa burocrática do general Gouraud.



Às margens do Nahr-Abu-Ali, — rio do pai de Ali —, junto do monte do Turbul (Djebel Turbul), estende-se Tripoli em face do Mediterrâneo. E' a graciosa Tarabolos-ech-cham (Três cidades do príncipe), dominada pelo castelo de Sandjil (monte dos Peregrinos), com sua vasta fortaleza, que é uma das mais bem conservadas do Oriente.

Os quarteirões da planície vão se espelhar nas águas da enseada. E' a parte industrial e comercial.

Tripoli exporta quase todo o óleo de amêndoas usado pelo mundo ocidental. Vi no seu porto cargueiros italianos, que vinham buscar amêndoas para os grandes estabelecimentos farmacêuticos de Milão. A cidade do Turbul exporta também o óleo de oliva e as laranjas vermelhas que eu experimentara já a bordo, quando viajava de Kaifa para Beirute, vendo escorrer sobre o prato um filete de sangue, que me surpreendera. Dir-se-ia que as rubras laranjas da Síria guardavam o sangue da terra.

Foi na viagem para Tripoli que encontrei também os mais lindos abricós orientais, de fina casca sedosa. A Síria é realmente o país que mana leite e mel. E' a pátria das frutas: dos figos secos, das peras, laranjas; e, como é também a terra das flores, é a doce pátria do mel.

Nas montanhas do norte, uma seita dos drusos estende suas tribus de pastores, com seus grandes rebanhos. E desce para o comércio dos laticínios, das peles de cabra e das lãs das ovelhas. E, em Tripoli, como em Hamah, ou Homs, em Baalbek, em Damasco, em Antioquia, em Alexandreta, ao norte de Beirute, ao sul, é comum se verem os longos mantos sem costura, as vistosas habbas de lá tecidas pelas mulheres sírias.

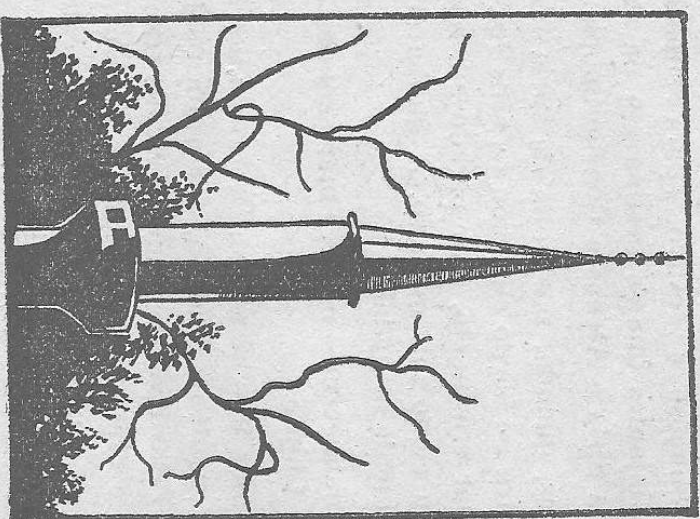
Deixo Tripoli, já noite fechada. O bote foge no mar agitado. O navio espera ao largo, com suas luzes. São quase dez horas da noite. Estou fatigado das longas viagens de automóvel, mas trago o espirito cheio de ovações e a sensibilidade tocada pelas paisagens, pelas flores e frutos, pelos costumes, pelo céu radio-so do grande país.

Trípoli baixa, embuçada nas sombras, pisca os olhos elétricos.

No alto, as luzes do castelo de Sandjil.

E o meu adeus à terra bíblica, cheia de aromas, de luz e de côres da Síria maravilhosa...

CHIPRE



OGO que o mar se afasta do litoral
bravio da Siria, despe a eriçada pele
verde-malva das ondas crespas.

A noite da partida de Trípoli estava ainda
cheia dos rumores dêsse mar áspero, em que
os botes corcoveiam em grandes saltos, mesmo
nas proximidades dos portos de Jafa, Kaifa ou

Beirute. Era um rumor encachoeirado de ondas bravias, que vinha esmorecer no interior do navio bulicoso e festivo, agora superlotado pelos viajantes que se destinavam da Palestina e da Siria a Atenas e Constantinopla.

Mas, quando, por volta da meia noite, a orquestra de bordo silenciou os seus fox-trots, já o mar era quieto, o ar parado e a noite silenciosa como um mistério. A quilha cortava mansamente as águas.

Amanhecemos no doce mar azul de Lankara, em Chipre.

É uma manhã de sol. Descemos dos botes, junto à ponte de madeira, que avança sobre as águas. Pelas ruas da pequena cidade transitam negros e brancos, mas negros e brancos abso-lutamente puros, de feições regulares, como es-tátuas de mármore e de ébano.

Runamos para Nicósia. Cidade de mesqui-tas e igrejas ortodoxas. O auto corre pela es-tra-da plana e branca. Faz calor. A paisagem é de uma monotonia exasperante. Campos estêreis, de colinas iguais, sem um relêvo diferente. Re-banhos de cabras, pastores de botas de cano alto, até aos joelhos; macisa de meia, alforge e paletó aos ombros, um lenço atado como coi-

tu, à cabeça. Pálidos e bigodudo. E, em torno, sempre a mesma paisagem uníforme, cansati-va. E o sol.



Alguns instantes no museu, quase às por-tas da cidade. Fachada grega. Cercado de pal-meiras africanas. E as longas sals frias. Com cabeças de estátuas, de nariz retineo, de cabe-los em canudos, exatamente igua umas às ou-tras. É a arte grega.

A arte grega da precisão linear. Que está em todos os museus do mundo, embevecendo os eruditos e caceteando os outros.

Três "misses" norteamericanas examinam tudo e trocam idéias sobre as estátuas. São professoras, em férias do país de Tio Sam. Um casal de alemães para confabulado diante das vitrinas. A moça italiana, que fia inglês, está traduzindo o que conversa com os britânicos, ao francês magro da kodak. A roça puxa um galgo (arranjou agora um galgo que vai fazer parte de sua silhueta loura).

A arte grega de Chipre tem uma vanta-gem: a frescura da descoberta. A fonte é ines-gotável. Todos os dias estão desenterrando ca-beças e braços de mármore miliaados. E pla-

cas, e moedas, e vasos de cerâmica, dos tempos de Amatonta, ou de Afrodite, ou das occupaões persas ou egípcias, vestígios dos séculos que podem também ser, segundo um dos excursionistas, obra das olarias de Lanark. Há vestígios dos fenícios nas vitrinas das salas frias. No terreiro, ao sol, montes de caceréo arqueológico. Que os guardas guardam com extremos cuidados, vigiando nossos gestos.



Atravessamos a grande ponte de alvenaria, avistamos os minaretes de Nicósia. Campos de trigo e de centeio fulguram sob a canícula violenta. Camelos e jumentos trabalham nas eiras. Casas baixas, pequenas ruas, muros, árvores: a capital. Uma população de caras amáveis. De uma brancura de mármore. Narizes, os mais perfeitos do mundo, nos rostos de bigodes pretos dos homens, nas silhuetas clássicas das mulheres. E as crianças de Chipre... É a maravilha de Chipre. Pela expressão de ternura, pelo riso magnífico de dentes brancos, de olhos rasgados, pretos, luminosos, de lábios grossos nas carinhas alvas.

A primeira mesquita não é mais mesquita: é uma igreja ortodoxa. No Oriente, as re-

lições se revezam nos templos, através das guerras. Prédio modestíssimo, com um alpendre ogival e o minarete baixo; cilíndrico e pontagudo, como um péão. Entre árvores. E um cheiro insuportável de benjoim. E excesso de molduras e santos coloridos.

Entramos, pelas ruas estreitas, no centro da cidade. Subimos a alta torre do seu templo (insinua-se, pela nave, o aroma penetrante, adocicado e enjoativo de benjoim; um cheiro reza ajoelhado, voltando-se para o lado de Mecca) e, no cimo, no último vão, pouco temos a ver: a cidade humilde, entre os campos de cereais, e, ao fundo do horizonte, as primeiras montanhas da grande serra da ilha. Mas eu vejo em baixo, na praça, o borborinho da feira e uma quantidade luminosa de laranjas rubras.

Uso, pela primeira vez, a moeda chiprense, com o retrato de S. M. Jorge V, de Inglaterra. Mas em Chipre se fala a língua grega. Cançada, rítmica, que faz lembrar de Homero, porque os versos nasceram na Grécia. Entretanto, há etíopes na ilha de Ricardo, Coração de Leão, que casou na grande igreja gótica, dos tempos da Idade Média. Também turcos. Pouca gente fala francês. Ao almoço, no hotel, encontro um sujeito que fala e quer ir no automóvel a Limasol. O vinho de Chipre dizem que não

deve ser guardado que estraga. Os tomates e cerejas são lindos. Com a vantagem de poderem ser pedidos em português, que é a mesma coisa. E isto espanta os ingleses, que me olham com respeito. Eu sou o homem que sabe grego. O Brasil é um país que fica em Buenos Aires e ninguém conhece aqui o português. Não tenho caderneta para apontamentos. Superioridades.



O auto começa a subir as elevações da Serra de Troodos. A temperatura dá de mudar rapidamente. Quando chegar um dia a São Paulo, descreverei a Serra de Troodos. Cortamos grandes vales sobre grandes pontes. Em baixo, correm fios de riachos insignificantes, em leitos de rios descomunais. Quando a neve se derrete, no inverno, o grande leito engorda, cresce, asserbeja as encostas. Atingimos as primeiras florestas de carvalhos, de pinheiros.

O turco, que fala francês, pergunta-me se há florestas no meu país. Respondo que aquilo, em Chipre, não são florestas. Explico o que é uma mata virgem, impermeável, com troncos ciclóticos. O cinesiforo grego me pergunta: "Tem leões?" "Temos muitos tigres, e serpen-

tes maiores do que as colunas da Acrópole", respondo. Ele pensa e torna: "Tem ouro?". A subida é constante. A estrada grimpava sobre despenhadeiros. Abrem-se, entre as montanhas, os panoramas das grotas, das encostas com exércitos de parreiras. Surgem casas de agricultores, vinhateiros dos bons vinhos moscatéis, portalmos e xinisteris. E, no meio dos bosques, no alto da serra, as filhas dos vinhateiros constituem o supremo encanto da paisagem, porque têm a mesma perfeição clássica das moças da planície, mas as cores rosadas, das regiões frias. O frio já está cortando. As cerejas da Serra de Troodos são deliciosas. E damascos, laranjas, morangos. Chegamos à mais alta culminância: às minerações de Amiantus.



Amiantus é uma pequena povoação serrana, onde trabalham perto de dois mil operários, cavando as montanhas, num rumor de trilhos, de guindastes, de cabos, de uivos de máquinas, de rascar de metais, que enchem o espaço úmido de neblinas que coroa a serra. Passamos rentes a precipícios imensos e penetramos outra vez nas matas, onde estão os

hotéis, mais de cinquenta hotéis, bangalôs de madeiras, pintados de azul, de cinza, de marrom, de violeta, entre jardins escondidos nas sombras dos bosques. Todos vazios, porque só se enchem no verão com a aristocracia do Egito — califas, quevidas, banqueiros e industriais ingleses, diplomatas e ricos do Cairo, que fogem aos rigores do grande mormaço do Saara.

Rodamos para a planície do sul. Avistamos Limasol, piscando a sua iluminação, dentro do crepúsculo.

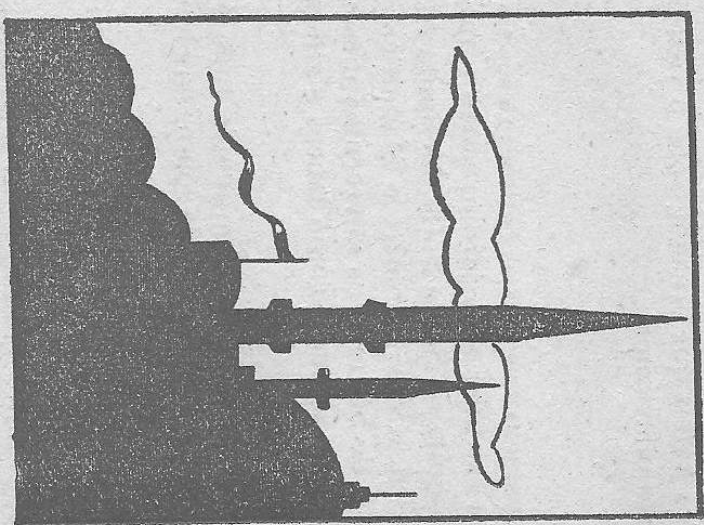
E, durante todo o dia seguinte — adeus cerejas da Serra de Troodos! — o mar Egéu, sob um céu sem nuvens, desenrolou a curva longa de suas ondas moles, de azul profundo, em que a espuma de prôa se destacava ao sol.

A tarde esmoreceu acendendo as estrélas sobre a cabeça pétrea da ilha de Rodas.

Rodes perdeu-se na noite. E a noite cobriu de trevas o monte Atairo, que recuou, como um cavalleiro embuçado num manto preto.

E veio o silêncio descampado das ondas mudas. E do céu coruscante.

CONSTANTINOPLA



NA MANHÃ de chumbo, avisto a massa arquitetônica de cinco mesquitas cinzentas, entre o arvoredo verde e o casario amontoadado.

Estamos em Constantinopla.
É já o Corno de Ouro, como um alfange,
enterrado no peito da terra.

O vapor atracou no cais europeu que olha de Galata os minaretes muçulmanos de Estambul. Dos batéis que cruzam, sobe o vozerio gutural dos marítimos.



O palácio dos velhos Sultões desce da colina para estender seus jardins sôbre o mar.

Mesquita de Santa Sofia. Mesquita Azul; a de Ahmed, a de Salomão, o Magnífico; a de Karrié; a de Salim I; as novecentas mesquitas, de minaretes agudos como lanças e zimbórios redondos.

Cinzentas. Em Constantinopla tudo é cinzento, com as tonalidades da lousa, do chumbo, da argila, do aço e da areia.

E plátanos. Parques, jardins, lichem nos muros. Árvores.

Nossos autos entram pelos quarteirões de Kemankech-Kara e Yeni Djami, depois de transpor-mos o largo do portão da altândega. Complexo internacional de mascates, falando italiano, espanhol e inglês. Ruas estreitas, na parte baixa de Pera. É o bairro grego. Casas de madeira, balcões e rótulas, varandas e sacadas. Grades de ferro nas janelas com criancas e mulheres que espiam. Pequenos bares,

onde judeus de sobrecasaca e turcos gordos tomam chá em pequenos copos de vidro.

Ganhamos a ponte Yeni-Kaprou. Um bando de guardas, vestindo túnicas de zuarte cinza, recebe o imposto da passagem.

Estambul.

Atingimos Emin-Enum. Deixamos, à esquerda, a Sublime Porta, para penetrarmos no dédalo de ruas e vielas que se cruzam, desde as grandes mesquitas, até à muralha de Teodosio. Onde vibra o enxame da multidão parda, de leves tons azuis, como o conjunto arquitetônico das ruas gris, dos largos panoramas plúmbeos.



Cemitérios. Necrotérios sem muros, misturadas com as ruas, com as casas, com os jardins. Saindo fora da cidade e estendendo-se pelos campos. Contornando a muralha romana, desde Tchelebi até Yedi-Koulé, que põe os pés no mar. Subindo as colinas, à sombra dos plátanos seculares, derivando dos espigões, entre os pomares e hortaliças, rodeando prédios em ruína ou prédios em construção.

Cemitérios de áreas diminutas, nos cantos dos jardins, nas reentrâncias das casas, nos

quintais, nos ângulos das ruas, nas pequenas praças e âtrios.

E vastos campos santos, de sultões e de kalifas, à maneira sarracena do Egito, e da Arábia, onde dormem, nos sarcófagos azuis, com letreiros dourados, remotas dinastias e o velho hierarquismo da teocracia muçulmana.

Em lugar nenhum do Oriente, pude sentir, mais impressionante, o entrosamento da vida e da morte. Os defuntos residem com os vivos. Os túmulos acotovellam-se com as casas. Famlharmente.

Do alto da muralha de Teodósio, sôbre o panorama que se rasga sôbre o Bósforo e o Corne d'Or, não se pode precisar se a velha Estambul é uma cidade ou um cemitério. O conjunto das ruas e das casas, a perspectiva arritmica dos aspectos urbanos, destacam-se como a fisionomia de longos abandonos. Mas, sôbre a expressão das ruínas das ruas com bocas negras de prédios carbonizados por incêndios frequentíssimos, a necrópole não domina pela revelação de um cuidado e de uma conservação meticulosa. Porque as tumbas também estão em ruínas.

Tumbas voltadas para Meca, grandes espadadas de pedra ou globos de turbantes, marcando a cabeça do cadáver; altas lâminas grani-

licas indicando os pés. Mas tudo oscilante, tortuoso, descomposto, vacilando no anônimo coletivismo funerário.

De Edine-Kapu, abre-se a meus pés o bairro de Adju Tchekimé, a mesquita da Princesa Mihrimah, à direita, a de Karrié-Djani, à esquerda. E, logo abaixo da muralha, entre pedras de sepulcros derrocados, entre alfanges, punhais, turbantes, flores graníticos, no equillbrio instável das linhas oblíquas, — uma taverna avarandada, com a nota plangente de uma guitarra, e a melancolia vaga, de longos ritmos lascivos, de uma canção oriental...

Rumor de carroças. Poeira e gente aos mangles. Quarteirões tortuosos, descendo entre verduras que irrompem das pedras seculares, pelo terreno desnivelado, desdobrando-se em tôdas as direções, desde a torre do Grande Serralho, até ao Serralho do Eyub, que olha para o vetusto cemitério dos kalifas e dos khedivas, onde os mausoléus esborcinados repousam no tapete verde da relva, à sombra de grandes copadas de plátanos com pipilos de passarinhos. Atingimos o canal. Do Serralho do Eyub, fico a olhar, trepada na montanha, a casa de Pierre Loti.

Continuação dos túmulos. Estribilho trágico do Estambul.

Não é possível caminhar dois minutos sem os ver.

Os mais recentes guardam as côres indicativas da condição social ou religiosa do morto.

Tumbas vermelhas de militares.

Tumbas verdes dos que haviam feito a peregrinação à cidade santa do Profeta.

Tumbas azuis dos que morreram solteiros.

Urnas, com disclos amarelos, em fundo preto. Com letras brancas, e em fundo azul.

Campas rasas de soldados, com o sabre de pedra enterrado no chão.

Sobre lousas largas, com versículos do Alcorão e mósca zumbindo, dormitavam vagabundos ao sol. Como nos bancos dos parques das cidades modernas.

As mesquitas estão contadas em todos os guias de turismo, na exuberante literatura das descrições do Oriente. Anotadas nas cadernetas dos ingleses, kodakizadas por todos os amadores, estampadas nas coleções dos postais.

Prefiro-lhes a visão afastada do conjunto.

A religião maometana arrancou das igrejas católicas, como a de Karrié-Djani (do 1.º século cristão), ou a de Santa Sofia, os íconos em faiança, em mosaico, em óleo, em bronze,

para os substituir pelos "mimrabs" simplissimos, cavados na laje e voltados para Meca. As mesquitas são nuas de acessórios litúrgicos. De toda a indumentária ritual, destacam-se, unicamente, as tapeçarias de Kuban e de Smirna, o "mimbar" dos muezins, e o chafariz de alabastro ou granito da fonte das abluções.

Na expressão simbólica das formas místicas a estatuária e a pintura é tudo no catolicismo romano e no ortodoxismo grego. Mas o maometismo traduz no esquema monumental as imagens transcendentes dos dogmas.



Ao passo que o Evangelho, desde os seus primórdios, vasa-se através das palhetas e dos cinzeis e das artes de pintar e esculpir é que se origina a arte de construir, o Alcorão se projeta imediatamente nas formas monumentais da arquitetura.

O Alcorão nasce no deserto, com a visão das caravanas, que se destacam, como altos perfis, na tela das areias infinitas. Tem os olhos nas aldeias, que parecem montões de pedra estampando as pardas silhuetas na horizontalidade dos planos salbrosos. Sua linguagem é a arquitetura. Percebe-se, principalmente, esse

fato, no confronto que, no Cairo, se faz entre a mesquita árabe do século II da Hegira, e a de Mehemet-Ali, de esplendor bizantino. Há nesta o luxo mais complicado da opulência turca, a psicologia expressiva dos climas cáldos, mas amenos, e no seu interior qualquer coisa mesmo da influência da liturgia ortodoxa, no brilho cintilante dos candelabros, ou nos próprios relevos dos capitéis e das cornijas, dos frisos e das abóbodas; enquanto o templo árabe faz ressaltar na pedra nua e ascética, o espírito do deserto.

No entanto, o sentido geral da arquitetura muçulmana, seja no Egito, na Arábia, na Síria, ou na Turquia, guarda as linhas essenciais do processo de evolução do sentimento místico, através do condicionado geográfico, traduzindo-se na expressão de arte.

Por mais que o muçulmano queira fugir do culto feiticeiro, ele criou, pela fatalidade da versão material do fenómeno religioso, o ídolo formidável da mesquita.

Sem imagens para o seu culto, o maometano criou a imagem do próprio templo. A mesquita é o grande animal bojudo, como elefantes e hipopótamos, como o touro Apis, inflado com a adiposidade das cúpulas amontoadas e os cor-

nos pontagudos dos minaretes, chifrando o céu.

Em redor do ídolo esplêndido, a população nas casas humildes, — vespeira anônima, fabricando o mel perfumado do poema religioso...



O zuum-zuum da colmeia sobre rumoroso e complexo do Bazar.

O Bazar são milhares de bazares, sob longas, interminas galerias abafadas por abóbodas de pedra negra como catacumbas. Ruas, becos, veredas que se cruzam, escuras e cheias de em-purrões.

Lojas de tapêtes, quiosques de miudezas, quitandas, armazéns de comestíveis, relojarias, mais de cinquenta joalherias, quinhentos mostruários de quinquilharias; laranjas, anéis de brilhantes, tâmaras, toalhas e lenços; fósforos e alfanges de prata; cebolas, sorvetes, imagens de santos ortodoxos, piteiras, correntes, pulseiras, quimonos de sêda, bengalas, ferros velhos, antiguidades falsificadas; telas, trêcos coloridos em madeira, cigarros de âmbar, espadas de ouro e latão; camelos de bronze, cinzeiros, cerejas, bananas, colares; portas, janelas, sarjetas.

com lixo e vitrinas resplandecentes de riqueza; e sírios, e turcos, e russos, e armênios, e gregos, balcânicos, egípcios, cercando, sorrindo, oferecendo um café gostoso e um chá incomparável, em copinhos bonitos de listas azuis. Fala-se francês, alemão, inglês, italiano, espanhol e árabe; só não se fala português porque ninguém conhece. Mistura-se um pouco de francês com inglês e grego, discute-se, regateia-se. Cambiam-se piastras egípcianas, palestinas e chiprenses, libras e liras. Conta-se que se é do Brasil, oferecem tapêtes. Mulheres, crianças, estrangeiros de tôdas as procedências. Furnas e tocas, baiocas, cavernas e nichos. O labirinto, as vozes, os rumores misturados, coloridos, em todos os tons, como dôres de cabeça. E a saída aliviada pela grande porta, onde o automóvel espera, perto da mesquita de Mahamud Pachá.

O Bósforo na manhã loura.

Estamos no rumo do Mar Negro. Já avisamos os navios do mar da Rússia. Que vêm, carregados de madeiras, vagorosamente.

As margens do estreito famoso têm uma semelhança vaga com o nosso Mar Pequeno, de Cananéia. Todo cintado de palácios brancos. Como o grande canal de Veneza.

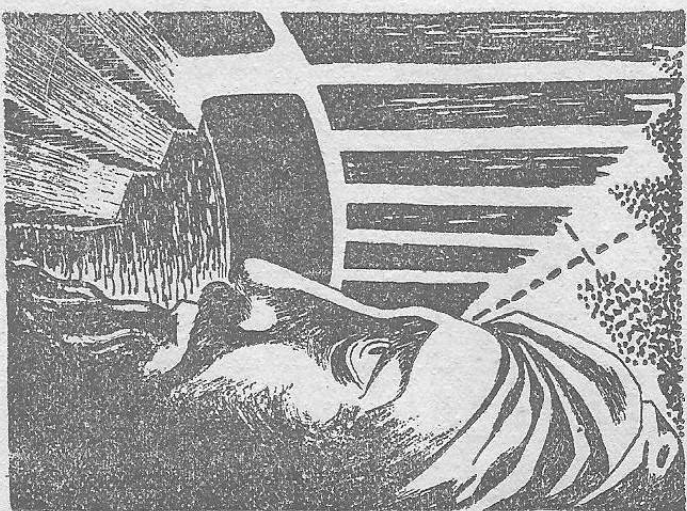
Escutari escula da Ásia o rumor europeu de Pera-Galata. Parece que se espreguiça no Bósforo. Grandes barcas repletas de vozeiro fazem o serviço dos trens de subúrbio.



No alto da colina ocidentalizada, a rua Pera é de uma metrópole moderna. Constantinopla de Mustafá-Kemal. Ali se percebe estar numa República. Que entra na civilização ocidental. Com bancos e bôlsas, hotéis de luxo e magazines, confeitarias elegantes, redações de jornais. E prédios moderníssimos, de cimento armado. E teatros. E cabarés cheios de cançoneiras de Montmartre e Black-Bottoms do Broadway. Entre eles, o "Garden Bar", amplo, ruinoso.

Impressão da partida. Uma velha sacode o lenço, chorando, para o filho que embarcou. Para onde? Talvez para a América, talvez para o país longínquo, além do Mármara, do Arquipelago, do Mediterrâneo, do vasto Atlântico... Talvez para o Brasil.

O SULTÃO E O SERRALHO



CVELHO Serralho de Top-Kapou é um índice da vida turca de 1478 e 1837 (1).

Desde os dias épicos da conquista e dos morticínios em que Mehemed II estampa a mão

(1) O antigo Serralho foi abandonado pelo Sultão em 1808, transferindo-se o soberano para a outra margem do Corno de Ouro. E' hoje um monumento nacional, que encerra tesouros da dinastia dos otomanis.

tinta de sangue na parede de Santa Sofia (que ainda conserva aquele sinal) até aos dias da decadência da política exterior em que Mahanud II se vê a braços com a luta contra Ibrahim, a independência do Egito movimentada por Mehmet-Ali, e a libertação da Grécia, animada pelas potências europeias. Dias estes que assinalam os primeiros esboços da revolução liberal, inspirada pelo próprio Sultão, ou seja o espírito democrático no interior enfraquecendo a projeção exterior da Nacionalidade.

Na vasta área, desdobram-se os haréns, os parques, as praças, as alamedas, os corredores de mármore, os pátios de pedra, os jardins, os tanques e piscinas de alabastro, as fontes e os chafarizes, os pelourinhos e os cárceres, as casas de armas, os muros fortificados, os terraços, varandas e balcões. Cada pavilhão tem a data do seu próprio estilo, pois cada estilo marca o espírito de uma época.

O conjunto é todo o aparelhamento institucional do governo absoluto, montado, peça por peça, no trabalho sedimentário, das dinastias.

A própria construção deste conjunto de palácios, que forma o Seraskerat, ou Eski-Serai (velho serralho) constitui a obra paciente de três reinados. Inicia-o Bajazed II, que sucede a

seu pai, o conquistador, depois de envenenar seu irmão Djim, que lhe disputava o trono. E quando os janizaros, terríveis pretorianos, assassinaram-no, por ordem de seu filho Selim-Kham, que o sucede, o parricida prossegue as obras. Termina-as, o filho deste, Solimão II, o Magnífico, que sobe ao trono em 1520.

Este, completa o Serralho, com a construção do harém, e para ali se transporta gloriolosamente com suas 2.000 mulheres, e seus 500 eunucos, a guarda terrível de sua milícia palaciana, seus pagens e palafrenheiros, seus carrascos truculentos, seus 50 cosinheiros, padeiros e confeiteiros, o séquito de seus funcionários, sábios e literatos, calígrafos e decoradores, e seus médicos, estes para serem encarcerados numa torre de espessos muros graníticos, pesada porta de bronze, afim de que (se dizia irónicamente) pudessem ser solícitos a qualquer chamado.

Pode-se considerar, daí por diante, como instalado definitivamente na Turquia, aquilo que, com aplicação e oportunidade diferentes, o nosso Joaquim Nabuco denominava em relação à Inglaterra, a "instituição suntuária", ou seja as prerrogativas da realeza.

Nela se apoia, esmagando um povo submetido ao fatalismo do Alcorão, o poder ilimitado do Monarca.

Como o parágrafo fulmineo, de uma lei aterrorizadora, lá está, balouçando ao vento, diante dos visitantes, a pele de um "kizlar aghassi" (chefe das raparigas), suprema autoridade entre os eunucos, (1) que abusara da discricionária outorga a êle cometida, assando vivo um menino, que tivera a desfortuna de ser abraçado e beijado pelas odaliscas.

A pele desse eunuco, que era também exímio calígrafo e versado em artes decorativas, atravessou os séculos, defumada, num muro de pedra junto do alojamento dos guardas das mulheres.

Não longe dali, abre-se a Praça dos Quarrenta, onde foram mortos, entre outros dignatários, 19 príncipes, por ordem de seu irmão, Maomé III, que assinalou dessa forma a sua subida ao trono.



(1) — O chefe dos eunucos foi sempre um personagem de alta categoria e até de grande influência sobre o Sultão de quem conhecia as fraquezas. Ao chefe dos eunucos e ao Grão Vizir, unicamente, se dava o tratamento de "Alteza", que cabia aos príncipes.

Mas o curioso, no Serralho, é o imaginar o visitante os dramas que ali ocorreram. Os íntimos sofrimentos abafados; as conjuras tenebrosas, à sombra dos corredores de granito; o anseio das encarceradas; a impassibilidade cruel e torva dos eunucos; os terrores vagos, as raivas surdas, os desesperos sufocados.

Tudo isso, num ambiente luxuoso, de fausto deslumbrante. Entre piscinas de porfiro e alabastro, vastas tapeçarias, a filigrana dos relevos, o colorido das faianças, o esplendor dos entalhes, as decorações murais, as largas pegas da mobília, entre as quais se destacavam nos dormitórios sensuais, imensos leitos de bronze de marfim, de prata e ouro maciços, com almofadões bordados a pérolas, diamantes, esmeraldas e rubis. Uma alta cadeira de ouro, cravejada de diamantes e pérolas, avaliada, ainda há pouco, em 3 milhões de libras esterlinas. Sofás e divãs monumentais. Vasos resplandecentes. Cortinados, estores maravilhosos. Louças, porcelanas, cristais, de tódas as partes do mundo. Serviços de chá, de café, em ouro e prataria deslumbrantes. Fulgor de coloridos orientais, de vivos damascos cintilantes, de "panneaux" e de afrescos de telas em molduras imponentes. Tudo espalhado pelos aposentos íntimos, onde as odaliscas repousa-

vam indolentes as cabeças fulgurantes de diademas, os braços e pernas algemados por braceletes estelares, a cintura, de onde caíam as sédas diáfanas de côres vivas, apertadas em aros chispantes de pedraria. Ou pelos salões exteriores, onde esplendiam os turbanes consotelados dos grão-vizires e dos kalifas, os mantos dos emires e o uniforme dos "tchordbji bachi", coronéis de janizaros.

Adivinha-se ali o complexo drama hunano com a permanência constante de 5.000 personagens, a prolongar-se através das dinastias, com a repetição monótona dos mesmos lances e das mesmas situações originados da paralização dos costumes nos amplos rebordos do Império Otomano.

Contudo, o drama maior deveria ser o do próprio Sultão. O soberano que nascia com poderes tão completos, que, ao tempo de Ibrahim, 1640 a 1648, o povo turco, bem menos exigente do que os barões ingleses da Magna Carta, impunha ao monarca este grande estatuto liberal: "Um sultão não poderá mandar matar sem motivo declarado, mais do que 10 vassalos por dia"... Realmente, Ibrahim, esgotado pelos prazeres, passara ao emir Kara Mustafá quase todos os negócios do império, entregando-se, por sua vez, a favoritos da pior

espécie, que lhe aconselhavam as maiores atrocidades.

Estive no jardim privado, defendido por muros altíssimos, onde os príncipes aborrecidos costumavam passar suas longas horas de tédio. Sob pena de morte, ninguém poderia entrar ali, nem mesmo espiar por cima do muro. Percorri a sala dos jogos, onde S. Majestade, certamente, não tinha o prazer de perder uma única partida de xadrez...

Logo adiante, rasga-se o coruscante salão de festas, com um trono luminoso de ouro, gloriosas almofadas vermelhas e azuis, bordadas a pedrarias, tapêtes espessos, onde flutuavam as danças vaporosas das huris semi-nuas.



Nessas festas, o Sultão é o único homem. Ele não tem o prazer da dificuldade da conquista de um coração feminino. As odaliscas só podem olhar para o seu rosto. Só podem pensar na sua pessoa. Só devem se adornar para os seus olhos.

E isto, afinal, para a inquietude viril é sem dúvida o tédio imenso...

Dentro do palácio complexo do Serralho, desde o pavilhão do Koz-Bekdjiler, onde fulgu-

ram os vistosos guardas; e o Selan Tachi, sun-tuoso, da recepção dos plenipotenciários; e o Koubek-Alti, com suas colunas de mármore branco e verde; e o imponente Divã; e a porta de Babi-Saadet, que conduz ao elegantíssimo apartamento dos Eunucos; e o majestoso Sandjak, onde se levanta o trono magnífico; e a Ars Odassy; e o incomparável Euderoum, que é a parte íntima do vasto e fantástico Harém; e o terraço de Ahmed III; e a obra prima do Koek-Bagdâ, — até à sombra dos muros e das alamedas de plátanos seculares, por tôda a parte se adivinha o doloroso aborrecimento dêsse pobre ente humano, cumulado de força, de glórias e de riqueza, pela fatalidade do Alcorão. Aniquila-o o próprio poder com que êle oprime o seu povo.

Essa inquietude genésica, que se traduz sublimada nas expressões do amor, da inteligência ou da ação, como deveria atormentar, não sómente cortesãos, vassallos, soldados, pagens, odaliscas — mas, principalmente, o próprio Sultão!

E, em tôrno dêsse venturoso-desgraçado, tramavam-se conspirações. A sua comida era feita pela mão segura de um cozinheiro, que respondia com a própria vida pelos alimentos que occasionassem indisposições ao Sultão. A

sua água e o seu vinho andavam trancados a cadeado em meringas de fechos de ouro. E, em tôrno do Serralho, as tropas brutais dos janizarios tilintavam os sabres como uma matilha de lobos, rilhando os dentes.



Não era sem motivo que se cavavam nas lajes os cárceres de Kapou-Arassy. Ali próximo, no átrio acanhado onde uma nesga de céu coroa as altas paredes de pedra, jorra a fonte lúgubre de Djellad Tchecnessi onde os carrascos lavavam as mãos peludas tintas de sangue. E nos umbrais da Porta Augusta, de mármore branco e preto e colunas de jaspes verde, estão ainda espetados os ganchos onde se penduravam as cabeças dos pachás decapitados.

Estudar os acontecimentos que encheram os sucessivos reinados dos Sultões é ver desenrolar-se o eterno drama das desconfianças, dos temores, e dos assassínios. Possuindo os Sultões centenas de mulheres, delas tinham filhos em grande número, quase todos contando a mesma idade.

De sorte que êsses príncipes (e só o eram considerados os filhos das kedines, senhoras) quando um de seus irmãos estava no trono, ti-

nham sempre os ouvidos tentados pelos cortesãos e ambiciosos. As conspirações se multiplicavam.

Desde Maomé II, o Conquistador, começa o grande drama secular.

Basta a enumeração dos reinados, com seus episódios principais, para se formar uma idéia da constante inquietação dos soberanos que dominaram o Império Otomano e habitaram o maravilhoso Serralho de Top-Kapou.

Bajazed II sucede a Maomé, manda assassinar seu irmão Djim. E' deposto por seu filho Selim Kham, que o manda envenenar.

Selim I, cognominado o Yavouz (o feroz), manda matar todos os parentes e morre subitamente em 1520.

Solimão II, seu filho, cognominado "o magnifico", instala a grande vida do Serralho, morre em 1556.

Selim II o sucede. É um bêbado contumaz, entregando-se a todos os deboches no seu harém. Perde a batalha de Lepanto: em 1574 fallece.

Amurad III, seu filho, sucede-o. Manda matar 5 irmãos ao subir ao trono.

Maomé III, seu filho, sobe ao poder em 1596 e ordena o assassinio de 19 irmãos e 40 dignatários.

Ahmed I segue ao pai, em 1603 e entrega-se inteiramente aos vícios.

Mustafá I, seu irmão, sucede-o. Governa 3 meses, sendo destronado por Osman II, seu tio.

Osman II é, por sua vez, vítima de uma revolta de janizaros, que o encarceraram nas Sete Torres, onde o Grão Vizir Daud Pachá o manda estrangular. Assume novamente o poder Mustafá I, que entrega o governo ao seu cozinheiro Hossein, afim de que este lhe garantisse alimentos sem veneno. Mas os janizaros se revoltam. Entronizam Amurad IV, estrangulam Mustafá.

Amurad IV morre em 1640.

Ibrahim, único príncipe que escapou de ser estrangulado por seu irmão Amurad IV, devido à esperteza de sua mãe, sucede-o. Entrega-se aos prazeres no seu Serralho, é deposto e estrangulado.

Maomé Khan IV sucede-o em 1648. E' deposto pelos janizaros e substituído por seu irmão Solimão III. Este logo é substituído por outro irmão: Ahmed II.

Mustafá II sucede ao tio Ahmed II. Do conflito entre os ulemas e os janizaros, resulta a sua deposição.

Ahmed III, irmão de Mustafá, sucede-o. É o introdutor da imprensa em Constantinopla. Foi deposto em 1730.

Osman III, seu primo, segue-o, até Mustafá III, que deixa o trono e a vida em 1774, sendo sucedido por Abdul-Hamid I.

Abdul-Hamid I tem por sucessor Selim III.

Selim III é assassinado pelos janizaros a mandado de Mustafá IV.

Mustafá IV sobe ao trono em 1808. Nesse mesmo ano é destronado pelo Bairaktai-Pachá e mandado estrangular por Mahanud II.

Mahanud II sobe ao poder mandando fazer a matança dos janizaros. Manda matar também Mustafá e toda a sua família. Transfere a residência real para a outra margem do Corno de Ouro.

Abdul Medjek sucede-o em 1839.

Abdul Hamiz sucede a Abdul Medjek em 1861. Mas é obrigado a abdicar e é assassinado por seu sobrinho Amurad V.

Amurad V, cheio de temores e fundamente impressionado pelo assassinio de seu tio, enloquece três meses depois.

Abdul Hamid II substitui o príncipe louco. Governa até 1909 e é deposto pelos Jovens Turcos.

Encarcerado no palácio de Beylerlei, cuja branca fachada se espelha no Bósforo, o príncipe Maomé Mehad Effendi, já velho, com 65 anos de reclusão, proibido até de usar barbas, como os Sultões, vê raiair o dia da sua liberdade. Os Jovens Turcos lhe entregam o trono. É aí que o vem encontrar a Grande Guerra, com o nome de Maomé V.

Reinou, pois, em todas as épocas, na deslumbrante côrte do Serralho, um ambiente de tétricas desconfianças. E se esta, em relação aos homens, era tão grande, imagine-se o que não seria no tocante às mulheres!

Os muçulmanos são concordes em reconhecer a falsidade dos corações femininos... Ainda agora, um dos últimos polígamos me dizia, tomando ocidentalmente o seu cöktaïl no hall do grande hotel de Pera-Galata: "As muheres são como os pássaros; se não estão na gaiola, vão-se embora".

Os velhos teólogos de Meca esclareceram todas as controvérsias dos dogmas e todos os mistérios da alma; porém, não puderam decidir a esfinge que mora num sorriso de mulher. O homem não sabe dissimular a dor e o prazer, mas sua companhia é capaz de mascarar todas as situações de seu espírito. Confiar numa mulher, segundo a doutrina muçulmana, é con-

fiar na traição; confiar em 2.000 mulheres é confiar em 2.000 traições. O Sultão sabia disso e sofria 2.000 vézes mais do que os seus pequeninos vassalos, sem haveres para se exporem a mais de um perigo...

Ora, além disso, as odaliscas eram recrutadas em verdadeiros concursos de beleza, como os que se organizam hoje para os certames de Galveston ou do Rio de Janeiro. Escolhidas, não conheciam o seu senhor. Levadas para o harém na idade da coqueterie e dos idealismos românticos, ficavam encarceradas por toda a vida.

Não viam mais a face de outro homem, senão a do rei, se a viam. Era a lei do Alcorão. Naturalmente, alimentavam revolas surdas, algum amor longínquo de província, algum idílio interrompido violentamente.

Como a ilustrar esta hipótese, a imaginação popular encheu o vestibulo "das arcas", que dá para o grande pátio do Serralho, com a lenda de lirismo e de aventuras de um casal de namorados.



Na melhor das hipóteses, imperava sobre as almas das mulheres um ciúme cruel e frio pelas mais favorecidas pelo Sultão. Um ciúme,

que não vinha do amor, mas da inveja pelas situações mais destacadas que decorriam das preferências do monarca. Porque o Harém estava organizado, como o corpo dos 500 eunucos, sob a mais severa hierarquia.

Os regimes hierárquicos são a história permanente da inveja do subalterno e do abuso da autoridade do superior, desde que não haja uma compreensão mútua e uma identidade de ideal entre o que manda e o que obedece. A situação é evidentemente agravada quando se trata de mulheres, que são muito mais sensíveis e intolerantes do que os homens. Basta esse fato para se calcular o que era a política tenebrosa do Serralho.

As mínimas suspeitas podiam custar a vida, e as decapitações e estrangulamentos eram frequentes. O rancor dos eunucos não raro se conjugava com as tramas satânicas do harém; e os gonzos funerários de Meyit Kapussi (portados mortos) rangiam muitas vézes para dar passagem ao cadáver do escravo, do nobre, ou da odalisca, enleado na malha infernal de uma acusação falsa. Outras vézes, eram as águas do Mar de Mármara, com uma profundidade de 100 metros ao sopé da muralha do Serralho, que levavam ao seu abismo sultanas e odalis-

cas cosidas em sacos de couro, uma pedra amarrada aos corpos maravilhosos.

Nas outras dependências do Serralho, havia uma completa organização de escribas e literatos, sábios e teólogos, artistas e decoradores, arquitetos, músicos, pintores, cuja vida pendia também por um fio. Como as mulheres e os eunucos, essa gente não amava, também, o Sultão. O interesse individual de cada um era esmagado pela expressão coletiva de 5.000 habitantes do Serralho. Mas, intimamente, cada qual guardava o instante de se envolver numa conspiração, recebendo a palavra de ordem secreta que minava o potentado.

Nesse ambiente, o Sultão deveria ser imensamente triste. Tendo, muitas vezes, como nos casos de Amurad III, de Maomé III, Selim I, Mustafa IV, Amurad V, e outros soberanos, mandado assassinar todos os irmãos e parentes em condições de lhe disputar o trono, o monarca vivia, entretanto, perpétuamente inquieto entre as ambições surdas e as tremendas maquinações do Harém. Pois eram comuns os casos de escapar dessas matanças algum príncipe feliz, como se deu com Ibrahim, que logrou viver escondido por sua mãe no Serralho, até ao dia em que conquistou o poder.

Essa atmosfera se mantinha tão pesada em torno do rei, que Mustafa I prefere entregar as rédeas do governo ao seu cozinheiro Hussein para não correr o risco de ser envenenado.



Próximo ao pavilhão de Mustafa, em frente à torre de Beche-Lalâ, há uma varanda de cristal, isolada e silenciosa, dando para o jardim de Lalé-Bagchessi.

Nesse lugar de solidude, o Sultão vinha, nas tardes melancólicas, olhar as tulipas.

Quedava-se longamente. No seu desconforto. Na sua angústia, vaga como a noite indecisa que caía sobre o Bósforo.

Entediado das suas mulheres. Fatigado dos seus cortesãos.

Sob pena de morte, ninguém deveria interrompê-lo.

Porque as suas tulipas eram bem melhores do que todos os seres humanos que o cercavam.

O vento perfumado não lhe trazia os mais leves rumores dos vastos salões do Harém. Nem o sussurro de vozes dos soldados mercenários que jogavam dados no pavilhão de Kos-Bekd-giler. Nem dos grão-vizires, dos pachás, dos

ministros e fidalgos bajuladores, que tramavam contra o seu govêrno e a sua vida.

Só os plátanos seculares cochichavam baixinho, sem medo e sem rancor do Sultão. E as tulipas olhavam para êle com mais sinceridade do que os olhos grandes das huris.

Piscavam as primeiras estrelas no poente violeta do Mar de Mármara.

Pela negra barba do príncipe suntuoso, como uma pérola que se desprendesse do seu turbante imperial, escapava dos recessos da sua inquietude, da sua insatisfação e do seu tédio, uma lágrima com tanta expressão de humanidade como o pranto do último "fella"...

O VELHO TEMA DO EGITO



ALEXANDRIA desponia na manhã branca, desenrolando no horizonte baixo a linha branca do seu casario com cúpulas e minaretes e chaminés de fábricas. Eu venho cheio da velha literatura do Egito, dessa literatura erudita de historiadores, linguistas, arqueólogos, cuja lista começa em

Heródoto e Diodoro, até chegar às mais recentes pesquisas de Meyer, Sottas e Driotton, do insuperável Maspero, é à clara exposição metódica de Moret, cujo livro fôra meu predileto companheiro de viagem através do Mediterrâneo.

Depois de uma noite tempestuosa no golfo de Nápoles e após uma manhã de bruma, na velha Catânia fuliginosa de lava, nosso pequeno vapor se embalara nas curvas longas e macias das ondas do mar de Creta, que lembravam moles barbatanas, melenas de algas de Neptuno, e, principalmente, o ritmo sinuoso e macio das Afrodites.

Era bem o mar dos gregos, aquêlê mar das descrições exaltas de Jardé e de Clotz, traço de união entre as civilizações antigas. Caminho das trirremes e das galeras, ali minha viagem se povoou das visões do remotíssimo Egito, das velhas teogonias de Heliópolis, dos totems de todos os clãs e dos dramas contados nas inscrições tumulares.

Mas, Alexandria emergiu — por detrás dos navios enfileirados — como uma expressão de humanidade nova.

..



Alexandria é a porta do Oriente, quase submergida nas águas. Na planície do Delta aponta para o céu sem nuvens, fulgurante de sol, as lanças dos minaretes, envoltas, nos penachos de fumo dos estabelecimentos fabris, que flutuam, como bandeiras negras.

Ante êsse aspecto, minha curiosidade volta-se para a expressão social e étnica da terra, agitada por anseios nacionalistas, que marcam, de Mehemet-Ali a Zaghl-Pachá, a moderna página histórica do país de Osiris.

Atracamos. E o cais é um formigueiro humano. Negros retintos, de galabaías amplas, esvoaçantes; árabes magruços, de sorriso alvissimo no rosto moreno; sírios claros, de “fêz”; mamelucos indefinidos; coptas acobreados, a nota branca das kaffias enrolhadas nas cabeças; nogaes negros velando rostos de mulheres de olhos grandes e negros, de vestidos negros; e a multidão das gambazias, listadas habas marrom e cinza, tûnicas de zefir até aos calcanhares como paletós à européia, de sarja desbotada, e o “fêz” escarlate, o “fêz”, que ondula sôbre as multidões, como uma espuma de sangue.

Sacudindo campainhas amarelas, vai e vem um vendedor de sorvetes, blusa vermelha, mangas tufadas e amarelas, uma saia sarapin-

tada, bigodes pendentes do rosto cavado, e o "fêz" rubro, de borla preta.

O elemento humano representa, talvez, a coisa mais curiosa do Egito de hoje. Ele se integra na paisagem urbana e na fisionomia geográfica. Enraíza-se na terra, exprimindo fenômenos profundos da vida nacional. São as sedimentações étnicas, que se prolongam como no tempo dos faraós, nessa região destinada a ser o eterno cemitério das raças. Massa complexa, enxadrezando-se, num estado de luta e de fusão, greda em que os nacionalistas egípcios pretendem modelar a figura nova do país autônomo, desdobrando sobre ela a bandeira verde das reivindicações.



Viagem para o Cairo. A via férrea entra pela província de Beheira, avança para Damannour. É caminhando para o Alto Egito que se percebe de onde provém a energia política do país renascente, em luta contra o domínio inglês. Essa força vem da terra.

Gleba lendária de Gossen, campanhas rasas de trigo. A planície se desdobra, levando desfiladados na distância, os pendões verdes das palmeiras em marcha. Várzeas amareladas

do de fartura, campos verdes de algodão, de alfafa, pomares alinhados, pastagens bucólicas com rebanhos médios. Até onde a vista alcança, grupos de camponeses; de galabias escuras esvoaçantes ao vento morno, trabalhando ao sol. Camelos pacíficos, de passos fleumáticos e focinho branco — quilha gigante e baixa de um ritmo horizontal como a horizontalidade dos terrenos sedimentários do Delta.



A estrada de rodagem corre para alcançar o trem. Movimentadíssima. E como o herói de tôdas as viagens, o solucionador dos pequenos transportes, o traço de união entre as aldeias, e quase o centro da vida familiar, — o jumento. É o asno evangélico, prestigioso como nos tempos da fuga de Jesus. São pequeníssimos burricos, de orelhas pontudas e olhar brejeiro, que carregam no dorso, alegremente, pesos dos árabes, de pernas quase se arrastando pelo chão, gordos patriarcas de longas barbas, mães escarranchadas com crianças no lombo largo. Quando o sol começa a cair, para os lados do Saara, recresce o trânsito; é o retorno às aldeias. É o instante, também, em que mulheres acobreadas vêm encher nos pequenos canais

que se cruzam ligando as caudais dispersas do rio sagrado, seus cântaros de longas asas, erguendo os braços morenos, que sobem como serpentes, da penugem negra das axilas. Rapa-zes coptas saem do banho à beira da estrada como estátuas de terra, elásticas e ágeis. Continua, através de toda esta região agrícola, a mescla confusa das pigmentações.



Passamos Sel-el-Meluf, Teh-el-Barud, Kafr-Saiat, aldeias ou cidadezinhas com a mesma fisionomia.

Com o mesmo espírito de humildade. Agachadas na planície. Casas baixas, quadradas e brancas, sem janelas. Massas amontoadas de linhas retas, de paralelogramos. Arquitetura cubista. E palmeiras abertas, como parassóis. E, no alto, os pequenos corvos do Egito, como os gaviões brasileiros, nas curvas rápidas dos vãos orgulhosos.

Há povoações mais pequeninas: parecem rimas de cupim, côr de argila. Cúpulas minúsculas, redondas. E cidades maiores, como Be-nha, Sandanhur. Pequenos negociantes em

casas assobradadas. Minaretes no vasto céu azul.



Cemitérios perdidos no campo. Sono feliz no meio dos cereais. Sem o acotovelamento catalogado das necrópoles das grandes urbs. Dormir junto da terra e do céu. E do sol. Entre os rumores das ciras, vozes perdidas na distância, esfumadas no mormaço. A festa das sementeiras, das colheitas...

No cálido estio, sôbre as tumbas cúbicas, as tamareiras abrem a barraca macia da sua sombra, afagam os escravos da gleba, que dormiram seu sono com o pensamento em Allah.

Sôbre a planície violeta a grande lua amarelta, que vem de Meca.



Hora da Ave-Maria nas campanhas cristãs. Aqui, até onde os olhos alcançam, através dos campos rasos, há figuras humanas ajoelhadas, os braços abertos, voltadas para a direção da cidade do Profeta.

São maometanos que rezam...

Essas impressões me permitem compreender um pouco o espírito das populações do

Delta, que gravitam entre as duas fatalidades: a terra e a religião.

O Nilo é ainda o fator básico da unidade nacional.

É o sentimento da comunhão originado da dependência aos seus benefícios, que possibilita ao albanês audacioso Mehemet-Ali o movimento que desmembra do império otomano (império de Maomé) o velho país dos faraós, renascente desde 1831.

O prestígio do Alcorão não foi suficiente, desde aquê tempo, para submeter, em definitivo uma nacionalidade que funda a sua política num fator geográfico irremovível.

Esses anseios de vida autônoma, que ainda hoje tanta preocupação causam aos ingleses, repetem o fenómeno constatado por Pitard e Beillet, da influência decisiva do grande rio sagrado na formação da remota nacionalidade e na unificação da mitologia egípcia.

Foi, na verdade, o Nilo que manteve a civilização faraônica e que presidiu à transformação de todos os totens do Alto e do Baixo Egito em tabús e divindades coletivas.

Ele foi o centro de gravidade, o polo magnético de todos os clãs. A expansão da sua hegemonia é que harmoniza o antagonismo de

Seth e de Horus, expressivos de dois espíritos contrastantes, do Vale e do Delta.

Passam as gerações e passam as raças; sôbre a sedimentação geológica, a sedimentação étnica; mas o Nilo continua a ser o magnífico Osiris, deus de abundância, protetor das colheitas e das alegrias agrícolas.



O Egito é um país comprimido entre dois desertos. Chegam até ele o sópro morno da Líbia e do Saara. A Nação hoje, como ha 6.000 anos, conflui para as margens do Nilo, que desce das montanhas da Abissínia, abrindo lado a lado, uma faixa de terra fertilíssima, de 10 a 20 quilômetros de largura, numa extensão de 900 quilômetros, até o Cairo. Desta cidade, em diante, a ubérrima faixa se alarga, num leque amplíssimo de 600 quilômetros de largura por 100 de comprimento, exatamente a região que atravessa o viajante que se dirige de Alexandria à capital do país.

O Nilo, como se sabe, traz nas suas entanches, depósitos preciosos de limo e detritos, terra e adubos ricos em potassa, das regiões centrais da África. Ele é o criador do país geográfico, do distribuidor das riquezas, o cons-

tante portador da terra negra, mãe carinhosa dos homens. Por isso mesmo ele exige a coordenação de todos os esforços. Sem esta, não haveria a distribuição equitativa dos benefícios fluviais.

Essa socialização do grande rio, imposta por uma condição idêntica de vida, é que cria a unidade de interesse das populações do Egito; e é essa unidade de interesse que determina a unidade política e modela a feição nacional.



Desde os tempos faraônicos, o Egito representa, para todos os povos, uma lição admirável. No instante atual, principalmente, em que o conceito da Pátria transita da concepção mítica para a realidade econômica e moral, não é possível compreender-se a Nação como uma simples idealidade isenta do imperativo político, que é a *unidade de interesse*.

A heterogeneidade racial pode subsistir, dentro da fisionomia global da Pátria comum; o que é impossível é manter a Pátria entre movimentos centrífugos de aspirações sociais e econômicas disparees, que resultam, quase sempre, em regionalismo dissolvente.

A dominação turca no país das pirâmides, segundo observou Napoleão Bonaparte numa página notável de senso político e administrativo, exatamente porque não agiu segundo o impositivo geográfico, centralizando numa expressão de força governamental os interesses das várias regiões do Egito, em poucas palavras, porque não fez a política do grande rio, ocasionou a decadência do país e determinou o movimento nacionalista em favor da sua libertação.

O Nilo venceu Maomé.



Os mesmos intuítos e motivos da Europa Ocidental, que facilitaram a independência da Grécia, facilitaram há cem anos a libertação do Egito do domínio turco. A expansão nacional caminhou, então, nas asas do grande sonho imperialista de Mehemet-Ali até à vitória militar e o desastre diplomático de S. João D'Acre. Dai refluí o ímpeto conquistador para as margens pacíficas do Nilo, região que ensina ao homem a vida tranquila, que os dois desertos blindam, como duas muralhas de areia.

Entretanto, depois da abertura do canal de Suez, o Egito avultou importantíssimo, do pon-

to de vista estratégico, à política da Inglaterra, na Ásia. Para o Império Britânico, atualmente, Port-Said é a chave do Oriente remoto. Caminho fácil da Ásia, atalho rápido que vai às Índias.

Por isso mesmo, a vigilância terrível das autoridades inglesas. Do alto da colina, onde se ergue o palácio deserto e lúgubre dos Governadores, cheio da recordação do massacre dos trezentos mamelucos, os canhões poderosos de Jorge V apontam menos o país de Fuad I do que o Mar Vermelho e as longínquas regiões do Ganges e do Himalaia.



Chegamos ao Cairo numa tarde emormaçadada. Da estação ao Hotel Continental, são ruas europeias, com tranways e autos, e prédios de cimento armado. O hotel tem todo o conforto dèsses transatlânticos encaalhados em terra, como o Glória do Rio, ou o Esplanada de S. Paulo. Com um luxo a mais: éramos servidos por enormes negros retintos, de bigodes frisados, vestindo longas galabaías de fustão branco, que chegavam até os pés, uma larga faixa de gorgurão vermelho à cintura, e um "fêz" escarlate na testa redonda.

Na praça fronteira, a multidão, meio europeia, meio asiática, a nota rubra das cabeças encarnadas, como uma labareda andando.



Com um chofer copla e um guia árabe, fui ver as pirâmides, na noite negra e abafada. Transpusemos o Nilo, de águas cintilantes no dorso preto, como um crocodilo de escamas, dormindo sob os focos elétricos.

Entramos no escuro da estrada de asfalto.

Impressão poemática, teimosamente literária, da terra desconhecida, que eu penetrou com homens desconhecidos, para ver logo o deserto, nesta hora em que os turistas fogem dele, com o pavor dos ladrões.

O deserto é lúgubre, sob as constelações palpitantes da noite estival. As pirâmides de Kheops, de Kephrem e de Mikerinos erguem-se como três eças funerárias, numa câmara ardente.

Três catafalcos, três "requiems" de pedra quieta, sobre todas as civilizações extintas, sobre toda a humanidade que passou.

Longe, as luzes internacionais do Cairo, piscando. E as estrêlas, nas pontas agudas dos minaretes, como cirios acesos.

A massa trevosa da cidade árabe, descendo sorrateiramente da colina de Mokatan...



E o silêncio do deserto imenso, a voz do vento, que é quente como um hálito de forno, zumbindo na boca da Esfinge, como o longo ganido de um cachorro, na noite tenebrosa.

De todas as vozes das gerações que passaram por ali, durante 6.000 anos, ficou aquela cabeça de pedra uivando...

Próximo à pirâmide de Kheops, escuto-a. É o refração eterno. Sobre todas as filosofias, o velho tema dessa boca ululando...

Quem já ouviu no infinito descampado dos sertões, nas noites mudas em que avulta o próximo rumor de asas dos insetos, o uivar de um cão medroso, a que o caboclo da nossa terra atribui os mais tétricos agouros, pode fazer uma ideia da voz do vento morno do deserto, na amplidão onde se erguem as pirâmides e a Esfinge contempla os horizontes de areia.



Regresso. Já à beira do rio bíblico, fulguram luzes, gambiarras que vêm se espelhar nas

águas. E o ruído alegre de um jazz-band enche a noite sentimental.

É o "Kit-Kat", o cabaré europeu, de lâmpadas multícôres e centenas de automóveis à porta, onde há "chanteuses" de Paris, dançarinas de Viena e "girls" americanas, que batem as pernas moles nos "charlestons" bambos e sacodem as ancas nos "black-bottons" cosmopolitas do Broadway.

Próxima, dorme a cidade árabe, miserável e triste, velha beduína enrodilhada.

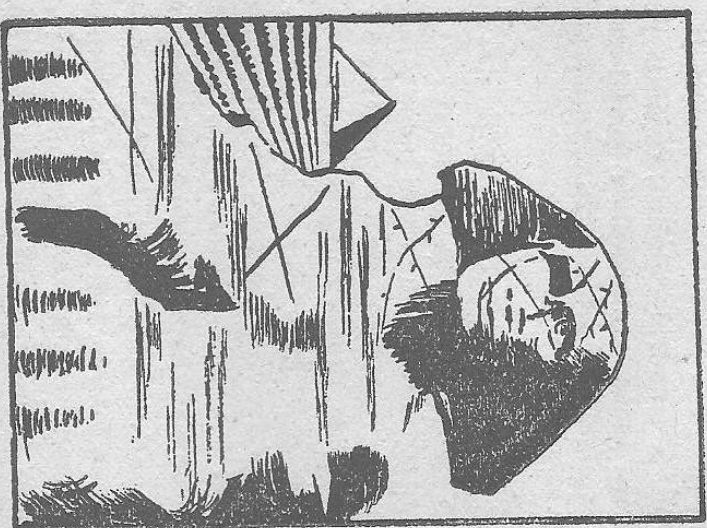
Pouco além, a cidade europeia, com catedral católica, templo protestante, igreja ortodoxo-grega, sinagoga judaica, bancos, hotéis, magazines, e o "Museum of Cairo", onde por entre as trevas das galerias, imóveis e trágicas estendem-se, sob os vidros das vitrinas, as múmias encarquilhadas e negras dos faraós e das princesas das dinastias milenárias...



Saxofones cantam fanhosos "My Baby". Para as pernas róseas. Para a noite aziaga, cheia de infinito e de mistério.

O VELHO TEMA DO EGITO

II



APTALISTAS europeus construíram a nova Heliópolis, que esplende com palácios de todos os estilos, no fundo de jardins desenhados e polidos de grama verde aparada e grades direitinhas.

Rasgam-se amplas avenidas asfaltadas, fileiras de plátanos corretíssimas, entre as quais

rodam orgulhosos automóveis de raça com alegres pertis de "misses", de "demoiselles", de "signorine", em claros vestidos estivais.

Dali, a catedral católica, erguida por um banqueiro belga, contempla o perfil das mesquitas plantadas pelos velhos guerreiros de Maomé.

Mas é transpondo uma das pontes metálicas do Nilo, que se entra, de improviso, na velha Cairo sarracena, que trepa pelos outeiros de Mokatan e se derrama pela margem do rio até ao ponto onde Moisés foi salvo das águas, com suas casas de pedra e suas vielas estreitas. E ali, também, a caserna inglesa, canhões sôbre a montanha e o vulto equestre dos soldados de farda branca e chapéu branco de cauchuc.

No palácio dos Governadores, completamente abandonado, um mameluco adiposo, na galabia listada, conduz-no ofegante, através das salas nuas e desertas do imenso casarão. É o porteiro do vetusto prédio sem habitantes, sem um único traste, povoado apenas pela recordação do massacre da terrível guarda trucida por Mehemet-Ali segundo o mesmo processo de condenação em massa adotado por Mahamud contra os janizaros de Estandul. As paredes ainda guardam as manchas de sangue das trezentas cabeças de mamelucos degolados na ba-

talha tremenda que ali se travou. O velho porteiro apoplético leva-nos ao terraco. Descortina-se a cidade, o deserto. As pirâmides de Sa-rauerat muito ao fundo, parecem caminhar para o oceano de areia. A paisagem típica da África: palmeiras curvadas sob o céu pesado. Os três blocos de Gizeh. E, em baixo, as mesquitas de Ibn-Tulim, de Azhar, de Kait-Bey, de El Mouayard, de Amrou, de El Mordani, de Ibrahim, e a esplêndida silhueta de Mehemet-Ali. E, em redor dos templos magníficos, o bairro dos mercadores, dos bazares do populachero nuancado de tôdas as côres étnicas, dos judeus avaros, dos beduinos solertes e da gente miserável, embriagada de cânhamo oriental.



A visita das mesquitas se faz calçando, logo à porta, um chinelão de couro mole, que se vai arrastando pelo mosaico sagrado ou sôbre a tapeçaria da Kuban.

No átrio largo, aberto ao sol, onde há o chafariz das abluções anteriores e posteriores às preces, espalham-se sentados com as pernas em cruz, decorando em voz alta os textos do Alcorão, os estudantes pobres, futuros cheiks das aldeias longínquas. Dali sairão sacerdotes

na posse da doutrina de Allah e do Profeta, para a vida obscura e quase indigente desses pequeninos lugares da gleba egípciana.

São moços morenos de olhar místico e um ar de crença quase feroz. Dentro em pouco, nos pobres "minbars" das mesquitas perdidas na amplidão dos campos de trigo, ou nos limites do deserto, êles deverão apascentar o rebanho das almas dos miseros fellahs recebendo-lhes os tributos legais e velando-lhes sobre as consciências, como centros da família rural e paíes temíveis dos lares humildes.



Quem penetra as mesquitas do Cairo, percebe logo o intimo sentido de duas arquiteturas, de dois estilos bem definidos, dentro mesmo das linhas gerais obedientes ao paradigma orientador da de Meca: o tipo árabe e o tipo turco.

A mesquita árabe nasceu do próprio deserto. Ela amplia, no amontoado das cúpulas e na feição das frontarias e perfis, a habitação beduína, barraca de terra que brota da areia como um cupim de saúva.

É tóda o ascetismo das tribos nômades: os lajados enormes, os pesados volumes das colu-

nas, a linha simples das abóbadas. Tudo o que a enriquece, no luxo das decorações ou no colorido dos vitrais, nos arabescos murais, na feição mais detalhada dos "minrabs" e dos "minbars", é originário do espírito asiático, que veste a África eremita com as exterioridades sensualistas de seus efeitos.

Sente-se melhor, nas mesquitas mais pobres, de grandes linhas pesadas e volumes opressivos, a alma de sol e de areia, de solidão e de misticismo quase trágico dessa terra erma e calcinada.

Depois de alguns momentos na Mesquita de Mehemet-Ali, de detalhes exuberantes, de magnificência oriental, prodigiosa na palpitação de arco-iris das luzes dos vitrais que se quebram nas cintilas ofuscantes de centenas de candelabros de cristal pendentes de arcos de ouro maciço, a contemplação das velhas igrejas muçulmanas, fuliginosas de séculos, como blocos de pedra, faz pensar na intima ligação que deve existir entre elas e os monumentos milenários dos egípcios — a identidade do factor mesológico, na determinação do fenómeno estético-religioso.

Vamos agora ver a cidade funerária. Vamos ver o único lugar do mundo onde os mortos têm casa para morar. Não são túmulos, não:

são casas mesmo, são ruas com nomes nas placas, são quarteirões alinhados, com muros, com portões, com quintais e jardins.

São casas maiores de ricos, casas menores de pobres, geralmente pintadas de oca, algumas até cor de rosa. Residências como outras quaisquer, de janelas também, de portas entreabertas, como se alguém estivesse espiando de dentro.

Caixilhos empoeirados e teias de aranha. Tudo quieto; parece que dormem a sesta. Há uma grande preguiça no ar, que vem do bafo de areia do deserto, que desce do sol oblíquo, deitado do lado do Saara.

Nas ruas ermas, zumbem moscas pelas sarjetas. Apuro os ouvidos, parece que alguém respira gostosamente na sombra amável das salas interiores.

Tem-se vontade de entrar logo, repousadamente, limpar o suor da testa, e ouvir uma voz hospitaleira:

— Sente-se. Faz calor, hein?

— Se faz! Mas esta sombra está boa, este café árabe magnífico...

Com esta tentação, empurramos uma das portas. A sala é deserta, sem um móvel. Fria. Espio pela porta que dá para a possível sala de jantar: — e vejo um grande tumulto silencioso.

Um tumulto azul, com arabescos amarelos. De mármore pintado. Lavar magnificante. Que eu tenho a impressão de que me contempla.

Entro nos quartos contíguos. Há um vago arrepio no ar. Em cada alcova, uma tumba. A família, que dorme a grande sesta.

Vago perfume funerário de benjoim e de mirra. Cheiro frio da morte, meio místico, meio indiferente. E um versículo do Alcorão, em grande garranchos dourados num fundo de mármore preto: "Só a morte é verdadeira".

Contesto, intimamente. Meu espírito ágil que é filho do país da Vida, da outra região equatorial excessiva de cores e de claras alegrias carnavalescas, canta, no seu silêncio, o hino de um outro sol.

O sol do samba e do cateretê, das saias vermelhas, das bocas vermelhas, na floresta verde, das ondas de Copacabana, dos maxixes da Baía, das orquestras, quinhentos passarinhos professores, gaviões de penachos, papagaios, tucanos palhaços, risadas e a bagunça da Pavuna.

Mas, pesa o silêncio gelado, sobre o meu tumulto interior.

Ando depressa, depressa, no entanto, gasto duas horas para me desvencilhar do dedalo das ruas empoeiradas, de janelas de teia de aranha

e de portas entreabertas, por onde creio que há defuntos me espiando...

Desemboco, de repente, nas ruas rumorosas dos bazares.



E, logo, são crianças que me vêm pedir “bakchiche”. Crianças morenas, de riso brejeiro, de fisionomia doce. De tôdas as idades. Moleques malandros de 14 anos, ou pequeninos, que ainda tartamudeiam e já aprendem a palavra essencial, que o estrangeiro ouve no Oriente, desde o romper do dia, até à noite. Os velhos pedem “bakchiche”, as mulheres estendem as mãos pedindo “bakchiche”. Os mendigos imploram, os árabes e os manelucos esper-tos extorquem por tôdas as formas o “bakchiche”.

E’ gorjeta e é esmola; é presente e é saudação; é pretexto para assaltos e para camara-dagens. E as crianças pedem, de maneira muito particular: com um jeito de rir que parece sublinhar com uma ironia profunda, essa ironia que só a alma dolorosa das crianças conhece — a miséria da sua gente e a ostentação imbecil dos estrangeiros...

As ruas dos bazares são movimentadíssimas de figuras asiáticas, — homens de branco e mulheres de negro — e tipos europeus que compram coisas típicas.



Dois padres protestantes falando inglês examinam longamente os arabescos na mesquita de Mehemet-Ali.

Na igreja ortodoxo-copta, entra-se por entre muros de pedra e duzentas crianças pedindo “bakchiche”. Mulheres coptas magras. A igreja tem cheiro de benjoim enjoativo. A gente desce à crita, que é o lugar onde a Virgem Maria e São José estiveram hospedados com o Menino Jesus. Paredes frias de pedra. E limo. E a lembrança das histórias contadas da fuga para o Egito. Foi ali mesmo. Faço força para sentir uma emoção. Tenho um pouco de remorso de não experimentar uma emoção adequada.

O padre ortodoxo é barbudo, a batina meio velha. Deixamos um óbolo para a pobre igreja, que está ali desde que São João Evangelista a construiu. A gente tem vontade de ficar mais um pouquinho.

Na mesquita de Ibrahim tinha um padre muçulmano de turbante, magro e ossudo, sentado com as pernas em cruz, voltado para a direção do "mimrab". Familiarmente. E um árabe muito alto e muito magro, beijava o chão repetidas véses.

Dois soldados lavam-se no chafariz das abluções. Um fellah abre os braços e a bôca. Os olhos arregalados.

Da sinagoga dos judeus saem narizes aduncos notoriamente israelitas. Chapéus pretos e barbas.

Fino perfil elegante com um pequenino missal na mão branca, encontro à entrada da catedral católica, num vestido gostoso de verão, uma moça loura e bonita.

Na praça do hotel, beduinos e coptas vendem amuletos que dão felicidades: escaravelhos protetores de amores, hipopótamos de marfim, que facultam maternidades, e os presigiosos "horus", falcões dos velhos egípcios que abençoam vitórias.

Todos nós, ocidentais civilizados, compramos amuletos.

Não há mais no Egito guerras religiosas. Lá está, tódas as noites confraternizando os povos, o "Kit-Kat", o grande cabaré que der-

ram as luzes e os "jazz-bands" sobre as águas sem mistério do velho Nilo sagrado.

E os canhões dos ingleses, no alto de Mokatan.

Eu assisti numa tarde turva de pingos grossos de chuva, a uma grande manifestação nacionalista. Devia chegar de Alexandria, depois das fortes discussões que excitara em Londres, junto ao governo inglês, o simpático Nahas-Pachá, fazedor de discursos, homem que sabe jogar sobre a multidão a palavra mágica da liberdade.

Ele tinha ido tratar da questão do Sudã, uma questão que apaixonava a mocidade egípcia, quando estive no Cairo. E, segundo se dizia, Nahas-Pachá fôra além: tratara da retirada das forças britânicas do Egito.

Quando se toca a Marselhesa nas colônias inglesas, o caso é sério. Os próprios franceses que inventaram essa música, estão se vendo atropalhados nas suas colônias, com o hino fatal. Não há fuzilamentos que bastem na Índia-China, para fazer compreender aos povos "protégidos" que esse famoso hino só fica bem cantado às margens do Sena. Pois nessa tarde, tocava-se no Cairo, a Marselhesa. A coisa estava feia.

Na esplanada do nosso hotel achava-se um príncipe egípciano, pessoa chegada a Fuad I, e, segundo se dizia, tão rico como S. Majestade. A polícia tratou de guardar discretamente o hotel. E' que as conveniências que a família real, como o próprio rei, devem guardar em relação à Inglaterra, não eram muito bem vistas pelo povo.

No momento em que se tocava mais alto a Marselhesa e os gritos eram mais veementes, apontou a cavalaria de Fuad I que se pôs a caminhar vagorosamente, fleumáticamente, collocando-se ao longo da rua. Vinha a dirigir o serviço de policiamento um oficial inglês, abso-lutamente tranquilo.

No dia seguinte, o jornal oficial da Inglaterra, que se publica no Cairo, noticiava a chegada de Nahas-Pachá, sêcamente, com êste subtítulo: "No disorders".

E acabou-se a história.



Na noite turva, os perfis dos túmulos dos mamelucos destacavam-se num céu metálico. Trezentas tumbas heróicas. Quem, vindo da velha Memfis, contempla as silhuetas nítidas de treva dêsse original cemitério de guerreiros,

compreende diante da mais curiosa perspectiva noturna do Cairo, a capacidade trágica de luta dêsse povo que vive tão familiarmente com a morte. E cre' na possibilidade da independência definitiva do Egipto. Com todo o seu complexo de raças, todos os seus dramas sociais, suas tendências religiosas disparees. Porque, mostrando o tipo nacional, esculpindo as figuras sangrentas dos mártires e animando o sonho bárbaro das tribos africanas, lá está o fator primordial de centralização e de força coletiva: — o Nilo.

KHEOPS E TUT ANK AMEN



EOUROS de bronze arrastam pelo deserto os monólitos de Assuan. Rebutam músculos de aço no peito dos escravos.

Kheops vai construir sua pirâmide. No infinito deserto, as primeiras sombras vêm caminhando, como caravanas de lerdos

dromedários. E o hálito do Saara fala com voz rouca na boca da grande Esfinge — cólera surda do deus do deserto, diante do ôlho noturno de Horus, que ilumina o panorama lunar.

O perfil das longas carrelas, dos cavalheiros de chicote nas mãos. A tropa dos servos, de braços retesos, os longos cabos estirados; a marcha soturna, os passos morrendo sem eco na areia. Os bois, os camelos. A massa em marcha, como a silhueta colossal de um monumento andando...

Para o sonho de Kheops. Para a loucura esplendida de Kheops...

Essa, a minha evocação poemática, transpondo o bloco enormíssimo de Keftem, ao passo fleumático do camelo que um árabe conduz, pedindo-me de minuto a minuto o famoso "bakchiche".

Eu tinha estado, na véspera, no museu do Cairo, onde domina os olhos dos turistas a riqueza fabulosa de Tut-Ank-Amen.

Por isso mesmo Kheops me parecia maior na sua loucura, do que o pálido pontífice de Hélios, que a tuberculose consumiu aos dezoito anos, sepultando, com êle, os tesouros da sua dinastia.

★

Aconselharham-nos óculos, para evitar a irradiação ofuscante da luz. Era através desse crepe, que eu via o cenário do Gizeh, numa sombra de aurora azulada. Em dado momento, não pude resistir; arranquei o crepúsculo dos olhos: — e o deserto apoderou-se de mim. Gri-tando na brancura coruscante das suas dunas, alargando-se, por todos os lados, como um bealardo de braços abertos para o céu sem nuvens, diu-me de flameja a pupila de tigre de um sol alto e agudo.

Longe, o Nilo e as palmeiras. E a fila das pirâmides de Saraquerat.

E, como um estribilho, sôbre a cúpula dos outeiros de saibro, magros e ossudos, os camelos angulares, destacados e graves, com a ban-deira humana dos albornozes, drapejando, como pássaros brancos...

O Túmulo de Tut-Ank-Amen é o poema lírico da morte. A tumba de Kheops é a tragédia angustiada do Homem.

Tut-Ank-Amen é a saudade da vida, o apêgo à riqueza terrena, a dor da renúncia. Seu féretro de ouro maciço, dentro de um sarcófago também de ouro, que repousa numa tumba de granito — êle o quer inviolável e sagrado. Em cada envólucro, como na porta tumu-

lar, está escrita a frase fatídica, cominando de irrevogável maldição os dedos sacrílegos que perturbarem o sono do semi-deus.

O jovem pontífice de Heliópolis vai para a morte com todos os tesouros. Seus carros de guerra e de caça, de ouro cintilante; seus leitos de marfim e de ouro; seu trono magnífico de ouro e pedrarias; seus colares numerosos, broches, pulseiras, leques, sandálias de fechos luminosos de ouro e brilhantes; lanças de pontas de ouro, punhais lavrados em ouro, e os perfis esgalgados dos vasos de ouro, altos e espirituais, guardando a essência mística do lótus, lacrado com o timbre da dinastia, como a própria moeda de Tut-Ank-Amen, que definiu sob os olhos cálidos de uma princesa apaixonada.

Mas, dêse próprio amor, que leve, naturalmente, toda a angústia das paixões românticas, dêse amor, que transformou o delicado e formoso efebo da Cidade do Sol em herdeiro de toda uma dinastia, nada transparece no fausto faraônico do túmulo famoso. Nas caixas de ouro dos relicários não ficou uma palavra, uma lembrança da princesa que fez de Tut-Ank-Amen, pelo seu casamento, o soberano do Alto e do Baixo Egito.

Todo o drama interior do monarca-menino — traduz-se nessa atitude egoísta e ranco-

rosa de soterramento de todos os tesouros, do desaparecimento dos vestígios do fausto dessa dinastia que êle encerrou com a aflição tantânica da sua enfermidade.



Diante do espólio precioso de Tut-Ank-Amen, que lord Carnavon inventariou, pagando com a vida o sacrilégio audacioso, os avarentos de todo o mundo, os usurários de todos os países, os ladrões internacionais, os agiotas e sovinas, as damas da sociedade e as prostitutas nevroticas, os “rastaqueras”, os ourives e os antiquários — desfilam, como a peregrinação eterna do egoísmo, da sensualidade e do luxo, com faíscas nos olhos e aquêle respeito fetichista dos idólatras aos pés do bezerro de ouro.

E o “americano” que pergunta “quanto vale?”, e o arqueólogo que se detém no exame dos relevos, e o curioso que se debruça sobre as vitrinas opulentas, nenhum compreenderá que, estirada na sua urna maravilhosa, a múmia do faraó guarda a revolta milenária do seu coração contra a humanidade, contra o destino que o condenou implacavelmente à morte, outorgando-lhe, com ironia cruel, toda a força e toda a riqueza do país de Osiris.

O braço do rei tuberculoso tinha ao alcance da sua mocidade e do seu sonho o cetro que comandava os exércitos; o diadema, que o impunha pontífice máximo da teocracia egípcia; na; carros de guerra para as suas conquistas; leito de ouro para as suas mulheres; chicotes de ouro para os seus escravos; vasos de ouro para os seus festins; e jóias estelares para a sua beleza.

E, tendo tudo isso, Tut-Ank-Amen via romper as madrugada com as insónias estampadas nas olheiras roxas, as últimas nuvens de terrores noturnos, que flagelavam seus minutos infinitos, no silêncio das noites de estrelas.

As noites de Tut-Ank-Amen, com os rumores dos passos e das lanças dos guardas, que batem soturnas nos pátios de pedras; com as vozes vagas do vento cochichando como demônios na noite pesada de astros; e os suores frios, e os olhos ardendo, brilhando de angústia e de febre...



Seus leitos mostram, esculpidos em ouro e marfim, amuletos benéficos que afastam espíritos malignos.

A insistência dessas figuras hediondas e bondosas nos móveis do dormitório de Tut-

Ank-Amen revelaram-me, como um facies geológico, a síndrome expressiva das nevroses exasperantes, dos esgotamentos e das deficiências orgânicas com todo o seu cortejo de aflições.

Pesadelos sufocantes, hipertensões nervosas, cavalgadas assustadoras de ritmos taquicardíacos. Auras, calafrios, fobias resvalando pelas fronteiras arrepiantes dos delírios alucinatórios. Angústia de morte próxima, pressentimento do inevitável, sensação opressiva do desamparo. E a descarga freudiana dos sonhos florescendo no exotismo complexo de uma simbologia disforme e torturante.

Os imperativos patológicos criam o drama interior de Tut-Ank-Amen, que se pode reconstruir, como uma ruína arqueológica, com os elementos desta vasta indumentária e desta fabulosa riqueza.

Revolto contra a sua fatalidade, aterro-rizado pelos fantasmas, desesperado na sua condenação, Tut-Ank-Amen leva para o sepulcro todos os vestígios da sua existência, num gesto supremo de maldição à humanidade e a todos os séculos que passam desfolhando a flor efêmera e luminosa da Vida.

Kheops, ao contrário, não leva um ceitil de ouro para a tumba. Tòda a sua riqueza êle a esbanja num grande sonho.

Em Tut-Ank-Amen, há o pavor da morte; mas Kheops enfrenta a morte.

E, enquanto o pontífice magnificante de Hélios morre no esplendor de sua opulência, Kheops morre paupérino, quase miseravelmente, atirando contra as estrêlas a massa formidável da sua pirâmide...



Estafam-se os últimos cavalos, os derradeiros bois. Os escravos morrem debaixo do chicote. A nação clama de angústia. As derradeiras pedras chegam ao ápice do monumento. E Kheops prossegue.

Ele ri dos séculos que passarão impotentes sobre a sua pirâmide. Das hordas de bárbaros que não a conseguirão destruir. Da morte, que não conseguirá matar o seu nome. E prossegue.

O seu tesouro está vazio; o povo tem fome; o monarca, mesmo, está velho, quase mumificado em vida. E é essa múmia que se agita, que ordena, que dirige, implacavelmente. Seduzida pelo mistério da morte. Sombra que se move, falando às estrêlas.

As pompas fúnebres de Kheops, ao contrário de Tut-Ank-Amen, têm um caráter de universalidade. Não é uma expressão de drama pessoal — como no caso de Tut-Ank-Amen —, a eça de pedra erguida no infinito deserto.

Não. O gesto de Kheops, é a filosofia do silêncio diante dos astros.

Quando passei, sob o sol luminoso, diante das pirâmides de Kheops, pensei na nossa humanidade de hoje. Com seus arranha-céus. Com seus filósofos. Com suas questões sociais. Com a sua angústia e a sua dor, a sua tortura e a sua dúvida.

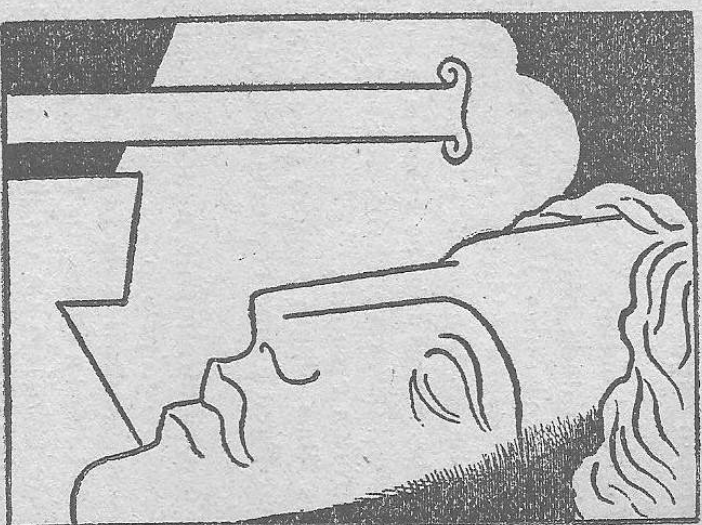
A múmia de Kheops, transportada para o Museu Britânico, sobobrou em pleno Atlântico. O grande Faraó dorme o seu sono, agora, no seio do Oceano.

A sua pirâmide não lhe pertence mais. Ela é de toda a humanidade.

O destino lhe deu uma tumba maior, digna de quem sonhou um monumento funerário que exprime toda a dor das gerações efêmeras que passam diante daquela eternidade de pedra muída e fria...

Fria, indiferente como o céu...

A GRÉCIA DESENCANTADA



TRANSPUSEMOS as últimas amuradas
de areia dos Dardanelos, numa noite
oriental que carregava uma grande lua
e uma grande estrêla.

No céu côr de laranja, alongava-se até às
onze horas, o crepúsculo da primavera. Pula-
vam golfinhos notâmbulos num mar de cêra,
sem gestos nervosos nem espumas impulsivas.

A luz do ocidente atraía-me ao tombadilho. Na direção daquela luz, o meu Brasil. E a saudade.

Iamos, finalmente, ver a Grécia.

Proa voltada para o sul, cortando aquele mar de horizontes limitados, que piscava os olhos vermelhos e insones dos faróis. Terra estilhaçada em penínsulas e ilhéos, cabos e promontórios, águas que se esfacelam em golfs, baías, enseadas, recôncavos, que se comprimem em estreitos e canais.

As ilhas olham sempre para outras ilhas, e o mar Egeu é uma confederação de pequenos mares.

Fôra, naturalmente, aquela fisionomia singular do Arquipelago — prolongamento da expressão geográfica da península, enxame de ilhas, de Citera a Rodas, de Paros a Samotracia, o agente primário da civilização helênica, em colaboração com o sistema orográfico do continente, de Peleponeso.



Eu pensava, naquela noite, no sentido da cultura grega, cuja influência se exerceu e ainda hoje se exerce sobre toda a civilização ocidental.

Minhas observações irritariam os ingleses e americanos, que viajam para ver as colunas sagradas da Acrópole, meditar junto do cárcere de Sócrates e do Jardim de Platão.

Mas eu vinha do Egito. Estivera, também, nas ruínas assírias da Ásia. Onde se sente o homem, diante do Infinito. A inteligência sem fronteiras. As intuições profundas em face do Mistério.

E a Grécia era a charada decifrada. A precisão linear. A nitidez dos detalhes. A harmonia matemática das formas.



Como fei modelado êsse povo, que produziu o verso metrificado e as estátuas perfeitas?

Que agentes cósmicos influíram na determinação do tipo da cultura grega, onde tudo se reduz a fórmulas exatas de expressão?

A Grécia é o gênio da mediocridade. A arte satisfeita em si mesma. A alma submetida à eutímia da beleza formal.

Tudo ali foi constrangido — na estética, na filosofia, na política, na religião e nos costumes — aos imperativos no limite e da existência de todos os movimentos.

A perfeita euforia.

O homem de pazes feitas com a Natureza. Sem a interrogar demasiadamente. Sem procurar na deformação do objetivo a fisionomia mais secreta das coisas.

Tôda a arte grega tem uma só fisionomia. Não há a predominância de um detalhe revelando uma intenção. O Universo não tem pensamentos ocultos para o grego. O homem grego nunca poderia compreender a transposição imprevista de um elemento de segundo plano para a focalização imediata do primeiro.

O grego vai até certo ponto. E pára.

Assim, não há audácia na filosofia de Platão, como não há infinito nos deuses do politeísmo nacional.

Platão não se atreve a afirmar a imortalidade da alma. Incapacidade helênica de transpor limites.

Homero forja deuses terríveis ou ardilosos, belos ou audazes; mas eles têm formas anatómicas corretas e a sua psicologia se confunde com as qualidades e defeitos dos heróis humanos.

O deus Baal dos assírios, o Brama dos hindus, Osiris dos egípcios, Moloc dos cartagineses, Jeová dos hebreus, são incomparavelmente maiores do que Júpiter, porque não se sabe

dêles mais do que os nomes e suas estátuas são disformes, como adivinhações erradas do Mistério.



A Esfinge, cujo busto enigmático se ergue nos desertos do Egito, mas cuja origem nem os egípcios conheciam, porque se perde na noite dos tempos, vale muito mais do que todo o Olimpo.

Ninguém teme hoje os raios de Júpiter, mas o monstro de pedra, sem nome, sem a genealogia dos deuses gregos, sem explicação na teologia de Hélios e de Tebas, êsse monstro desconhecido continua a significar a mesma coisa, isto é: nada, ou tudo.

O templo da Esfinge, recentemente descoberto, são blocos imensos de pedras superpostas. Sem relevos, sem frisos, sem ornatos, sem nenhuma forma trabalhada. Não tem estilo. É simples e brutal. Por isso mesmo, profundo e transcendente.

Sente-se ali a fronteira do "outro lado". E não se quer saber onde é, como é, quando é, e por que é o "outro lado"...

Inexplicado, infinito, incompreensível.
O homem no tempo e no espaço.
Sem legenda.
Nem tradução.



Na Grécia, tudo é contado por miúdo. Teogonia anedótica.

Teografias como biografias.
Conhecem-se os avós paternos e maternos dos deuses. E até os bisavós.



Navegamos no mar sem mistérios da Grécia. Cheio de ilhas, que nos espiam. Com os olhos dos faróis.

A bordo, no salão iluminado, dança-se. O saxofone desarticula motivos sentimentais. No fundo dos fox-trotes bulhentos, há alguma coisa remotamente lírica. Lirismo de "miss" de apartamento em décimo andar, com vitrola, revistas de cinema, que sonha doridamente com o herói de qualquer campeonato. E uma alegria toda convencional como vapores de Champagne.

E há mais humanidade nesse vago indecifrável do que em toda a euritmia da civilização helénica.

Nosso vapor carrega uma pequena paisagem humana, cheia dos flagrantos de Degas e de Gross, das pequenas comédias trágicas de Modigliani, a simbologia freudiana de Tilgath, Figuras de "suffragetes" celibitárias; meninas arredondadas; maridos complacentes fumando cachimbos; ministros protestantes, com conversas de latim e grego, entalados em colarinhos espetantes e duras sobrecaçacas; uma septuagenária dançando como um bebé; uma pequena francesa que leu livros livres na biblioteca de um padre em Jerusalém; um norueguês de bigodes aparados e reboleios suspeitos; mulheres de todos os matizes e homens de todos os feitos. Episódios da travessia mediterrânea. E o fox, e o jazz, mais altos do que as ondas do mar Egeu.

Compreendo o espírito do meu tempo. Da nossa Idade Média. Onde se elabora alguma coisa, no caos de todas as dúvidas.



Nós nunca vivemos uma época tão parecida com aquelas em que se forjaram os primeiros deuses.

No começo, o Homem foi superado pela natureza. Houve o desequilíbrio. Era o crepúsculo aterrador. A projeção sobrenatural do objetivo...

Na civilização grega, deu-se o equilíbrio perfeito. O Homem e a Natureza se equivaleram. Os deuses se humanizaram.

A Idade Média foi a era da Anunciação. A consciência mergulha, de novo, na treva. Já não é o sentido da civilização helênica, mas o vago pavor das épocas orientais da Média e da Assíria.

A Renascença restaura o equilíbrio clássico, num ciclo mais alto de conquista do conhecimento. E prossegue até o século XX, que é o antípoda da Antiguidade mítica, e, por isso mesmo, o seu termo equivalente na eterna equação...

Agora, a Natureza foi superada pelo Homem. Novo desequilíbrio. Mas o homem está sendo esmagado pela própria objetivação do seu subjetivo.

O sobrenatural que nos apavora e abala não é mais o que descia dos trovões, dos raios, dos tremores de terra, das tempestades e dilúvios; é o que sobe de nós.

Nesta sociedade sem Deus e sem terror cósmico, nós criamos o terror de nós mesmos,

da nossa própria sombra. Já não há o grito selvagem das estrelas, o rumor de atabaques diante de eclipses e de erupções vulcânicas; mas inventamos o derivativo do "jazz", a orgia dos cabarés, os "hurrahs" dos saxofones.

As colunas dóricas, coríntias ou jônicas, os frisos detalhados, os frontais triangulares, as estátuas perfeitas, esse conjunto de harmonias em que há o equilíbrio exato entre o mundo exterior e o mundo interior, não pode dizer mais nada ao espírito moderno, que retornou a um desequilíbrio exasperante.

A arte grega interessa menos hoje do que a arte mais remota dos primitivos...

Mas era curioso verificar com os próprios olhos o condicionamento geográfico onde se operou a modelação do tipo humano da civilização helênica.



A manhã do segundo dia rompeu aticamente.

(Nossas madrugadas exageradas da América Tropical! nossa orquestra de côres caboclas sobre os paredões de basalto das nossas cordilheiras! com gritos de pássaros e o azul das distâncias, que não tem limites...)

Esta manhã da Grécia apareceu cautelosa
diante dos meus olhos de bárbaro. Serenamente.

O rosado leve das faces de Proserpina. O
halo de ouro do carro de Apolo, medido, natu-
ralmente, como uma fórmula química.

E os montes do Pireu, linearmente tra-
çados.

(Nossas montanhas brulas da Guanabara!
A Gávea não estudou geometria! O Corcovado
não conhece metrificação)!

As montanhas da Ática são tôdas direiti-
nhas. Recortadas como papelão verde, coladas
em papelão azul.

O mar (verdes mares bravios da minha
terra natal!) o mar chega à praia cheio de re-
verência, de rapapés e beija-mãos, como um ca-
valheiro de sociedade.

O gesto de Alcebiades quando atirava a
toga.

(Caboclo da minha terra, que joga o laço,
que corcoveia nos potros bravos!)

O azul do céu não é profundo, nem des-
maiado. E' um azul convenientemente azul.
Não tem indecisões. Nada das telas nebulosas
da Carrière, dos tons simbolistas de Samain.
Nem dos excessos equatoriais de Castro Alves,
de Euclides. Na Grécia não há indecisões. Tudo

é dosado, escoreito, como o estilo de Renan.
E os sonetos marmóreos de Herédia. Ou dos
gregos brasileiros.



Vamos ver Atenas.

— Como se chama aquela montanha?

— Himeto.

Era o Himeto. Que está exportando mel,
há dezenas de séculos, para a poesia universal.

Do alto de um outeiro que a autódromo
transpõe, diviso outro monte, um pouco mais
alto, porém regularmente conformado. E' o
Parnés. O Párnaso fica ao norte, com 2.459 me-
tros sôbre o nível do mar. Suprema altitude de
poesia grega.

Também o Olimpo, residência dos deuses,
não atinge 2.900 metros. A côrte de Júpiter es-
tava, ali, pertinho, convivendo familiarmente
com os povos da península, fazendo política e
filhos.

Os deuses saíam, como é natural em deu-
ses, para fazer caçadas, pique-niques alegres e,
não raro, interferir na vida dos lares. Através
das aventuras de amor dos divinos vadios, efe-

tiva-se o cruzamento de imortais e mortais, nascendo heróis como Hércules e outros mamelucos.



Vejo bosques verdes. Nesses bosques é que Baco vinha tomar suas carraspanas. Entre suas árvores, apontava a cabeça de Sátiro, surpreendendo uma ninfa despreocupada sobre a relva. Nas suas clareiras, Pan tocava a sua aviana para a dança agreste dos movimentos ritmicos dos corpos perfeitos. Andava por ali, o travesso Cupido, flexando o coração dos pastores e das pastoras. Pelos vales, passeava Proserpina, criando a harmonia das côres; e sua mãe, a boa Cêres, presidia as sementeiras e as ceifas. Longe, a linha do mar, onde Netuno surgia com seu tridente e a côrte de tritões...

Tudo, na velha Grécia, era familiar, sem grandes distâncias nem sombras de Mistérios. O grego deu explicação a tudo. Dos blocos de mármore, Fídias arrancou todos os pormenores. E Aristóteles editou o primeiro Larousse...

Na arte grega não há nenhuma intenção sutil. Nenhuma possibilidade para uma interpretação "diferente".



Eis-me na Acrópole.

O céu azul.

Das altas colunas do templo de Minerva, no tópo da escadaria de granito.

E um sol branco. Como os mármore de Páros.

As montanhas nítidas em redor.

As formas precisas me humilham, porque não posso colaborar.

Os relevos de Fídias. As colunas harmoniosas. As cornijas perfeitas. As proporções exatas.

Tudo isso insulta a inteligência. Um homem que vive em função de criar, encontra tudo fechado na Grécia. Tudo está feito, e bem feito. Tudo trancado à liberdade interpretativa. Equilíbrio, euforia, harmonia, — mediocridade genial.

A lógica nasceu na Grécia.



Do alto do Partenon, no fundo da rocha talhada a pique, diviso o anfiteatro. Assembleia silenciosa de pedras. Onde se levavam, outrora, as tragédias de Ésquilo.

E aquilo comove.

Porque Ésquilo é talvez a única coisa realmente grande da Grécia.

Êsquilo é a tragédia humana, a angústia, a dor. Ele fez grandes os persas no seu infortúnio. Ele fez crescer a alma de Orestes, como uma tempestade numa noite infinita. Os fantasmas que falam nos dramas esquilleanos valem mais do que todos os deuses de Homero reunidos.

Lá em baixo, eu via o teatro de Êsquilo. As arquibancadas de pedra, vazias, silenciosas, batidas pelo sol da manhã...



À direita da montanha, em frente, ao pro-pileu alvejante, a pequena colina, com a prisão de Sócrates, onde o mestre bebeu cicuta.

O espirito nacional dos gregos bem compreendeu, pelo menos subconscientemente, o perigo da fórmula socrática. Não foi acaso o “conhece-te a ti mesmo” que caminhou, através dos séculos, produzindo angustiadadas filosofias? Pior do que a cicuta, não foi esse veneno que destruiu os deuses? Não vem daí o filtro da tristeza e do ceticismo?

A bóca negra da pedra da prisão de Sócrates parece ainda falar às ruínas da Acrópole magnífica a sua palavra de morte.

Para um povo, que produz uma civilização sem mistérios, o filósofo que fala do “desconhecido” merece a condenação.



“Desço da Acrópole sem nenhum amor, sem nenhuma saudade.

Alarga-se, no vale, a moderna Atenas, de cimento armado e politicagem.

Que plantou, no alto da velha Atenas, a oliveira simbólica da Minerva Virgem.



Os vasos gregos do museu são semelhantes aos que já vi no Cairo, em Chipre, em Constantinopla. E as cabeças das mesmas mulheres de nariz retilíneo, testa lisa, cabelos de canudos. Detalhadas e perfeitas. A impressão dominadora do limite. Nada indistinto. Tudo explicado.



Foi a geografia da Helade que fez o povo grego.

Mares onde o homem vê sempre um pedaço de terra. Terra onde se avista sempre um pedaço de mar.

Ilhas, cabos, penínsulas, istmos. Golfos, baías, enseadas, estreitos. Montanhas sem grande altitude. Um regime pluvial bem regularizado, uma rede potamográfica bem distribuída. Umidade proporcional, sem lacunas, nem demasias. Dai a nitidez da paisagem, os relevos exatos, a harmonia das tonalidades na côr da vegetação e do céu.

Facilidade de meios de comunicação. Não existem distâncias imensas, nem no mar, nem na terra. Dai a ausência de mistério.



Nosso vapor (o "Brasile"), levantou ferros numa tarde esplêndida, de lindo firmamento azul.

Era bem o céu da Grécia.

Da Grécia das nossas primeiras poesias, naturalmente parnasianas.

Era bem o pôrto do Pireu, onde as nossas estrofes de outrora punham as trirremes decorativas. Eram bem as montanhas, onde nossos pastores dançavam ao som das avenas.

Longe vai o tempo em que todos fomos gregos, decorando a mitologia, amando Anacreonte, encantados com a beleza de Lais e de Frinéa.

Sim; era a Grécia...

Vejo esta Grécia agora. Nas águas do meu mar, os olhos nas suas montanhas, ela, entretanto, nunca esteve tão longe de mim... Ou serei eu que estou longe de mim mesmo, do "outro", de 17 anos, que acreditava nos deuses fáceis de Homero?

O navio caminhou, no rumo de Corinto. A Grécia desencantada sumiu no horizonte.

E eu pensei na despedida que o espírito vai fazendo a si mesmo, a cada transformação que o tempo lhe vai impondo, na viagem da vida, como este levantar de âncoras no pôrto do Pireu, na tarde luminosa, no céu azul...

F I M